

ENCONTROS
COM A

VIDA

NARRATIVAS
DE EXTENSÃO

ORGANIZADORES:

Ana Luisa Teixeira de Menezes
Elenor José Schneider
Patrícia Maria Konzen Klamt



**ENCONTROS
COM A VIDA:**
*Narrativas
de Extensão*



Organizadores
Ana Luisa Teixeira de Menezes
Elenor José Schneider
Patrícia Maria Konzen Klamt

**ENCONTROS COM A VIDA:
NARRATIVAS DE EXTENSÃO**

Santa Cruz do Sul
EDUNISC
2014





Reitora
Carmen Lúcia de Lima Helfer
Vice-Reitor
Eltor Breunig
Pró-Reitor de Graduação
Elenor José Schneider
Pró-Reitora de Pesquisa
e Pós-Graduação
Andréia Rosane de Moura Valim
Pró-Reitor de Administração
Jaime Laufer
Pró-Reitor de Planejamento
e Desenvolvimento Institucional
Marcelino Hoppe
Pró-Reitor de Extensão
e Relações Comunitárias
Angelo Hoff

EDITORA DA UNISC

Editora
Helga Haas

COMISSÃO EDITORIAL

Helga Haas - Presidente
Andréia Rosane de Moura Valim
Cristina Luisa Eick
Eunice Terezinha Piazza Gai
Sérgio Schaefer
Wolmar Alípio Severo Filho

© Copyright: Dos autores
1ª edição 2014

Direitos reservados desta edição:
Universidade de Santa Cruz do Sul

Capa: Denis Ricardo Puhl
(Assessoria de Comunicação e Marketing da UNISC)

Editoração: Clarice Agnes,
Julio Cezar S. de Mello
Mirtô Beatriz Vilanova Gonçalves

E56 Encontros com a vida [recurso eletrônico] : narrativas de extensão / organizadores Ana Luisa Teixeira de Menezes, Elenor José Schneider e Patricia Maria Konzen Klamt. – Santa Cruz do Sul : EDUNISC, 2014.

Dados eletrônicos
Texto eletrônico
Modo de acesso: World Wide Web: <www.unisc.br/edunisc>

ISBN: 978-85-7578-385-6

1. Ensino superior. 2. Extensão universitária. 3. Professores – formação. I. Menezes, Ana Luisa Teixeira de. II. Schneider, Elenor José. III. Klamt, Patricia Maria Konzen.

CDD 378

Bibliotecária: Luciana Mota Abrão - CRB 10/2053



Avenida Independência, 2293
Fones: (51) 3717-7461 e 3717-7462 - Fax: (051) 3717-7402
96815-900 - Santa Cruz do Sul - RS

E-mail: editora@unisc.br - www.unisc.br/edunisc



SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO

Ana Luisa Teixeira de Menezes, Elenor José Schneider, Patrícia Maria Konzen Klamt..... 6

O SIGNIFICADO DE UM PROJETO DE EXTENSÃO PARA A VIDA COMUNITÁRIA E ACADÊMICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO GRUPO DE TEATRO ENFERMAGEM É ARTE

Adriane dos Santos Nunes Anacker, Ana Zoé Schilling da Cunha, Leila Patrícia de Moura, Luana de Fátima Padão Lozado, Simone da Silva de Brito, Kelli Cristina Weise 7

APANHADORES EM CAMPOS DE MARGARIDAS: A EXPERIÊNCIA DO PROJETO EDUCAÇÃO/FORMAÇÃO AMBIENTAL COMUNITÁRIA NO BAIRRO MARGARIDA (SANTA CRUZ DO SUL, RS)

Ana Flávia Marques, Adriani Maria Muller..... 10

UMA ATIVIDADE DE ODONTOLOGIA NO CONTEXTO DA POLÍTICA DE EXTENSÃO

Alcebiádes Nunes Barbosa..... 12

AS DUAS FACES DA ACADEMIA DE MUSCULAÇÃO / UNISC

Olí Jurandir Limberger, Stefania Bernardy, Alexandre Strub, Luiz Alexandre Seibel Schuh.... 15

TRABALHANDO OS SONHOS NUM GRUPO DE CRIANÇAS ABRIGADAS

Miguel Angel Liello, Amanda Anute Vitor Fernandes, Fabiane Silva Azambuja 18

A FORMAÇÃO ACADÊMICA, A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E A INTEGRALIDADE NA SAÚDE

Angela Cristina Ferreira da Silva, Eunice Maria Viccari, Marcus Vinicius Castro Witczak, Rafael Kniphoff da Silva 22

TRAJETÓRIA DE PEQUENOS PÉS EM BUSCA DE ALEGRIA

Autora: Carine Muniz, colaboradora: Jéssica Taís Luedtke, orientadora: Martha Helena Segatto Pereira..... 26

A CONVIVÊNCIA DE HISTÓRIAS

Diana de Azeredo..... 29

TESOUROS DA TERRA

Diana de Azeredo..... 31

REABILITAÇÃO DE PACIENTES ONCOLÓGICOS: FOCO NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Dulciane Nunes Paiva..... 33



DA ROÇA PARA OS PALCOS <i>Martha Helena Segatto Pereira, Ursula Müller, Flávio Antonio de Azeredo</i>	36
PROJETO SORRISO ESPECIAL <i>Gabriele Cristine do Nascimento, Roberta Tolotti</i>	39
UM SORRISO FAZ A DIFERENÇA <i>George Valdemar Mundstock, Vinicius de Aguiar Viera</i>	41
PEQUENAS ATITUDES FAZEM A DIFERENÇA <i>Jairo Breunig</i>	44
PROJETO COPAME: INTEGRANDO EXPERIÊNCIAS DE VIDA PARA UMA MELHOR INTERAÇÃO ENTRE AS EQUIPES DA CASA <i>Miguel Angel Liello, Jeson André Thiesen, Luciana Maurin Borges</i>	49
PROJETO SORRISO MAIS QUE ESPECIAL <i>Joelza Ceni Guidotti Pinto</i>	53
O VALOR DE UM SORRISO <i>Luiza Griguc Luz, Rafael Trevizan Mistura</i>	55
A EXTENSÃO PRODUZIDA NO PET SAÚDE DA FAMÍLIA <i>Margarida da Silva Mayer</i>	57
FOME <i>Patrícia Maria Konzen Klamt</i>	60
PET-SAÚDE/VIGILÂNCIA EM SAÚDE: POSSIBILIDADES DE SER, APRENDER E QUERER MAIS... INQUIETAÇÕES QUE IMPULSIONAM MUDANÇAS <i>Autora: Pauline Schwarzbald da Silveira, orientadora: Suzane Beatriz Frantz Krug</i>	63
AVÓS DE CORAÇÃO <i>Rafaela Cristina Richter Schneider</i>	66
PROJETO DE EXTENSÃO CORRENTE DO BEM RIO PARDO <i>Roque Wagner</i>	69
SORRISO ESPECIAL <i>Simone Isabel Emmel, Sabrina Seidenfus da Silva</i>	72
O CONQUISTADOR <i>Shirin Dauli Baja</i>	74
O ESMALTE VERMELHO DA KAREN <i>Sônia Renner Hermes</i>	76
DE 1995 A 2013: METADE DA VIDA SENDO EXTENSIONISTA <i>Verushka Goldschmidt Xavier</i>	78



APRESENTAÇÃO

Consideramos “Encontros com a Vida” um livro simples, pois podemos ler com o coração leve, esperançoso. É um livro que fala de encontros, de paixões, de começos, de coisas verdadeiras, experiências de professores, estudantes e técnicos que ajudam a entender e a viver a grandiosidade da educação.

Paixão, pés na terra, olhar nas montanhas, comunidade, saúde, fome, solidariedade, superação, esperança. Cada palavra, uma cena vivida, um campo de trabalho. Nas entrelinhas dos artigos, percebemos, o desafio, os diários de campo escritos, os medos sendo superados, ensinamentos difíceis de serem explicados, trabalhadores querendo dignidade, crianças ofertando amor, gente simples passando seus ensinamentos, mulheres ressignificando suas existências, professores e estudantes indagando-se acerca de um conhecimento que se revela no instante em que se vive. Conhecimento que não fica só dentro de si, mas que se multiplica com a vivência entre os diferentes.

Assim é a extensão, reveladora de uma multiplicidade de tradições e contradições. É um mundo de aprendizagem abarcado por corpos que se entregam, (des)conhecendo novos corpos, novos pensamentos e conhecimentos. Extensão é um bom dia, é sentar em roda nas cadeiras do salão comunitário, é pensar junto a própria realidade, é surpreender-se com a liderança que supera o sofrimento nas virtudes encontradas no dia a dia do viver comunitário, é assumir a profundidade do espírito científico enraizado no cotidiano de nossas vidas.

Extensão é aprender a viver o medo de encontrar a dor das pessoas que poderiam estar vivendo um mundo melhor. É, também, o desejo de voltar para reencontrar. É o que percebemos em cada artigo apresentado, em cada autoria, o quanto a Extensão em nossa universidade tem alimentado a formação de nossos futuros profissionais, ajudado a construir um projeto de educação, com pessoas inquietas, desenvolvendo um compromisso com algo, que não é só voltado para si mesmo. Mais do que artigos, vemos aprendizagens de valores, de gratuidade e reciprocidade, de encontros com a vida, num viver universitário e extensionista.

É com muita alegria que apresentamos algumas de nossas sínteses, de nossa proposta educativa alimentando em nossos jovens o desejo desses encontros.

*Ana Luisa Teixeira de Menezes
Elenor José Schneider
Patrícia Maria Konzen Klamt*



O SIGNIFICADO DE UM PROJETO DE EXTENSÃO PARA A VIDA COMUNITÁRIA E ACADÊMICA: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA DO GRUPO DE TEATRO ENFERMAGEM É ARTE

Adriane dos Santos Nunes Anacker¹

Ana Zoé Schilling da Cunha²

Leila Patricia de Moura³

Luana de Fátima Padão Lozado⁴

Simone da Silva de Brito⁵

Kelli Cristina Weise⁶

A Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a Pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre universidade e sociedade. A Extensão é uma via de mão dupla, com trânsito assegurado à comunidade acadêmica, que encontrará, na sociedade, a oportunidade de elaboração da práxis de um conhecimento acadêmico. No retorno à Universidade, docentes e discentes trarão um aprendizado que, submetido à reflexão teórica, será acrescido àquele conhecimento. Esse fluxo, que estabelece a troca de saberes sistematizados, acadêmico e popular, terá como consequência: a produção do conhecimento resultante do confronto com a realidade brasileira e também regional; a democratização do conhecimento acadêmico e a participação efetiva da comunidade na atuação da Universidade.

Entendemos, dentro do contexto supracitado, que a Extensão Universitária é uma ação da Universidade junto à comunidade, que disponibiliza ao público externo o conhecimento adquirido com o ensino e a pesquisa e assim, a partir desta ação,

¹ Mestre em Educação pela Universidade de Santa Cruz do Sul – Unisc (2010). Pós-Graduada e Especialização em Enfermagem em Unidade de Terapia Intensiva pela Unisc (2005). Docente do Departamento de Enfermagem e Odontologia da Unisc. Atuou como docente voluntária no projeto de extensão “Grupo de Teatro Enfermagem é Arte: ensino e educação em saúde”.

² Doutora em Enfermagem. Área de Filosofia, Saúde e Sociedade, na Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC (2004). Professora do Departamento de Enfermagem da Unisc. Atuou como coordenadora do projeto de extensão “Grupo de Enfermagem é Arte: ensino e educação em saúde”.

³ Graduada em Enfermagem pela Unisc. Ex-integrante do projeto de extensão “Grupo de Enfermagem é Arte: ensino e educação em saúde”.

⁴ Estudante do 5º semestre do Curso de Enfermagem da Unisc. Atuou como voluntária no projeto de extensão “Grupo de Enfermagem é Arte: ensino e educação em saúde”.

⁵ Estudante do 6º semestre do Curso de Enfermagem da Unisc. Atuou como voluntária no projeto de extensão “Grupo de Enfermagem é Arte: ensino e educação em saúde”.

⁶ Graduada em Enfermagem pela Unisc. Ex-integrante do projeto de extensão “Grupo de Enfermagem é Arte: ensino e educação em saúde”.



conseguiremos produzir um novo conhecimento a ser trabalhado, surgindo uma roda viva de vivências, emoções e muitas realizações pessoais e profissionais.

O trabalho do qual fazemos parte é o Grupo de Teatro Enfermagem é Arte: Ensino e Educação em Saúde, que é um projeto de extensão em andamento, vinculado ao Curso de Graduação em Enfermagem, da Universidade de Santa Cruz do Sul - Unisc, composto por professores e acadêmicos que nele atuam de forma voluntária. O objetivo está direcionado a utilizar o teatro como ação educativa na enfermagem, através da dramatização para a promoção da saúde e prevenção de doenças no modo individual e coletivo.

A proposta para a realização do grupo teatral surgiu em 2009, a partir da disciplina de Gerenciamento de Enfermagem em Serviços de Saúde I, do 7º semestre do Curso de Graduação em Enfermagem, com a peça intitulada - Trabalho em Equipe na Enfermagem.

A educação é a base do nosso projeto, pois através dela disponibilizamos conhecimentos e realizamos as ações educativas na comunidade local. No processo educativo natural, os indivíduos aprendem por meio das experiências trocadas com o meio à sua volta e com os outros seres. Dessa forma, podemos dizer que a educação é uma importante estratégia para trabalhar com as questões que envolvem a saúde, pois na promoção da saúde ou na prevenção das doenças o teatro consegue, através da dramatização, conscientizar os indivíduos sobre determinados hábitos com o intuito de melhorar a qualidade de vida.

Assim, trazemos o teatro como uma ação educativa eficaz, pois a partir dele uma história e seu contexto se fazem reais e verídicos, através da montagem de um cenário e a representação de atores em um palco para os seus espectadores, tornando-se, dessa forma, um importante meio para sensibilizarmos as pessoas sobre um determinado tema. Além disso, o teatro leva até as pessoas histórias que se aproximam de sua realidade. Conseguimos transmitir, através da dramatização, conhecimentos e conscientização sobre diversos fatores que englobam a saúde na nossa atualidade, porque, devido a sua forma lúdica e interativa, facilitamos a comunicação entre os profissionais e a comunidade.

Até o momento contamos com oito peças teatrais que abordam temas importantes em relação à saúde da comunidade: Hipertensão Arterial Sistêmica, Diabete Mellitus, Câncer de Mama, Bullying, Alimentação Saudável, Aleitamento Materno, Trabalho em Equipe, Gravidez na Adolescência. Desde o surgimento do Grupo, apresentamos as peças em diversos locais, tais como: comunidades, escolas, empresas, instituições de saúde, universidade e eventos em outras cidades.

Os resultados de cada ação desenvolvida pelo Grupo de Teatro dão-se através dos depoimentos e discussões realizadas com os sujeitos após cada apresentação. Nesse momento, observamos como é importante realizar a educação em saúde através



de um trabalho participativo entre a comunidade, os acadêmicos de enfermagem e os demais profissionais da área da saúde. De acordo com as experiências vivenciadas pelo Grupo de Teatro, percebemos que o diálogo com o público, nas rodas de conversa, é sempre no sentido de ressaltarmos o quanto a história e os personagens envolvidos nas peças teatrais aproximam-se de suas realidades, seja na sua família, no seu local de trabalho, seja na sua profissão.

Além disso, há um processo de ensino-aprendizagem nessa ação educativa, pois o Grupo de Teatro possibilita aos seus integrantes um grande aprendizado acadêmico, uma vez que todos nós aprendemos a realizar a educação em saúde interagindo com a comunidade e proporcionando, assim, uma grande troca de experiência a todos. O teatro estimula a fala, a percepção do social e permite aos acadêmicos mais autoconfiança nas atividades que realizam, em sua área de atuação profissional e também na sua vida pessoal.

O teatro demonstrou ser uma ação educativa eficaz, pois, além de trazer para a população orientações, aprendizado e conhecimento, também estimula o acadêmico a estudar, conhecer e entender melhor a realidade onde está inserido.

Por fim, quando promovemos a saúde, através da educação, trazendo a dramatização do teatro como ação educativa, conseguimos observar o impacto na comunidade e suas proporções. Percebemos que a arte teatral leva às pessoas histórias que muitas vezes se aproximam da sua realidade, conseguindo, assim, orientar, comunicar, trocar conhecimentos, fortalecer diálogos e vínculos com as pessoas e conscientizá-las sobre diversos fatores que englobam as questões de saúde nos dias de hoje. É a educação em saúde realizada através da arte que vai além das orientações, da prevenção e da educação em si, mas que toca os sentimentos e a vida de cada um que nos assiste e assim reproduzimos e mantemos viva a Extensão Universitária!

Referências

BRASIL. Ministério da Educação. Secretaria de Educação Superior. *Extensão Universitária: Organização e Sistematização*. Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras. Universidade Federal de Minas Gerais. PROEX. COOPMED Editora, 2007.

COBRA, R.Q. *Noções de teoria do teatro*. Disponível em: <<http://www.cobra.pages.nom.br/ecp-teatroecnica.html>>. Acesso em: 16 abr. 2010.



**APANHADORES EM CAMPOS DE MARGARIDAS:
A EXPERIÊNCIA DO PROJETO EDUCAÇÃO/FORMAÇÃO AMBIENTAL
COMUNITÁRIA NO BAIRRO MARGARIDÁ (SANTA CRUZ DO SUL, RS).**

Ana Flávia Marques¹

Adriani Maria Muller²

Ao iniciarmos um trabalho da universidade junto a uma comunidade ou, dito de outro modo, uma incursão no campo da Extensão Universitária, iniciamos uma caminhada numa estrada de tijolos que se vão arranjando de maneira bastante peculiar, única. A interação entre o grupo da comunidade e o grupo da universidade faz com que o caminho vá delineando um arranjo muito próprio, desenhado pelo tempo e pela ação de cada indivíduo. O mais provável é que as individualidades de cada grupo, pareadas pelo trabalho conjunto, somem-se formando um novo padrão, um grupo único: universidade + comunidade. A emergência deste novo grupo e as formas como ele manifesta o seu existir, o seu pulsar, é que atribuem os meandros, desníveis e obstáculos no caminho da Extensão. Além disso, nesta mesma estrada de tijolos, alguns ‘mirantes’ se apresentam e então o grupo, ofegante pelo caminhar, pode se debruçar e observar a paisagem. Ação – o andar, e reflexão – o observar.

E que paisagem vislumbramos a partir das terras altas do Bairro Margarida! A cidade de Santa Cruz do Sul se desdobra aos pés dos morros. A mesma cidade que viu nascer ou que adotou os moradores do Margarida, que já foi chamado Aurora, não deixando a poesia longe de seus dias. Como não sentir-se parte da natureza exuberante que envolve as residências daqueles e daquelas que lá construíram suas histórias, construíram seus dias amarrando as pontas dos nascimentos e das mortes, do riso e da dor?

Nesta paisagem, vista dos mirantes ou de dentro da mata, é que formamos um grupo pulsante: Unisc e comunidade, discutindo uma educação que recebe o adjetivo ‘ambiental’ para tratar do ambiente como campo de forças, como palco das cotidianas disputas de poder, como espaço de exercício da cidadania.

Nos nós das redes que tecemos ao longo de um ano, identificamos a história de um bairro que foi construído pela luta de seus moradores e moradoras: luta pela

¹ Doutora em Ciências pela Universidade Federal de São Carlos - UFSCar/SP. Atua como docente no Curso de Administração da Unisc.

² Mestre em Engenharia da Produção pela Universidade Federal de Santa Maria - UFSM/RS. Atua como docente no Curso de Administração da Unisc.



água encanada e tratada, pela construção de uma ponte que os levasse ao centro da cidade, por uma escola para seus filhos e filhas, pela constituição de uma associação de moradores e moradoras que fosse efetivamente a representação de um bairro plural, que já foi fracionado social e territorialmente em Xurupita e Aldeia, mas que hoje se une sob a denominação Margarida.

A partir do resgate histórico da construção de uma comunidade e de sua identidade relacionada ao meio onde se encontra inserida, o projeto Educação/Formação Ambiental Comunitária, surgido na Unisc, frutificou em um projeto surgido na comunidade com participação da Unisc, chamado Margarida Viver Melhor. Eis a caracterização da Extensão Universitária: a presença da universidade na comunidade e a presença da comunidade na universidade, em processo de construção e evolução, resultando em transformações mútuas.

Demandas e sonhos que tratam do binômio ambiente-sociedade estão no projeto Margarida Viver Melhor: delineamento para a pesquisa de elaboração de um livro contando a história do bairro que é cartão postal por abrigar o símbolo de Santa Cruz do Sul - a cruz iluminada que encabeça um morro, transformando em luz a paisagem devastada de uma antiga pedreira; um *blog* na *internet* conta as ações do grupo, que já iniciou sua biblioteca comunitária, que já se inseriu em grupos voltados ao turismo junto ao programa Santa Cruz Novos Rumos e que tem voz, muito própria, quando fala à comunidade a partir de entrevistas em canais de comunicação, contando sua experiência.

Como no romance de J. D. Salinger, – O Apanhador no Campo de Centeio (1951), onde um jovem conta sua história para outros jovens, narrativa que contribui para uma transformação na literatura - os moradores do bairro Margarida escrevem para os seus. Escrevem um livro, um *blog*, um projeto de cunho socioambiental. Escrevem nas noites de quarta-feira, em torno de uma mesa retangular, olhando nos olhos de seus vizinhos, seus filhos, seus parceiros de sonhos. Escrevem autoestima e cidadania. Escrevem a poesia que colore e transforma a vida cotidiana.

E, como Paulo Freire já dizia: humanizar o homem, despertando sua consciência para a ação de transformar o mundo, é a verdadeira perspectiva que compreende a educação. E educação ambiental é, antes de qualquer coisa, educação.



UMA ATIVIDADE DA ODONTOLOGIA NO CONTEXTO DA POLÍTICA DE EXTENSÃO

Alcebiades Nunes Barbosa¹

Com base no Projeto Político-Pedagógico Institucional da Unisc, pode-se afirmar que a sua política de extensão parte do princípio de que a Universidade é uma instituição social, caracterizada pela produção, sistematização e socialização do conhecimento e para realizar essa missão é necessário contar com o tripé ensino, pesquisa e extensão. Sendo a Unisc uma Universidade Comunitária, a extensão assume um relevante papel na constituição dessa identidade institucional. É através dela, portanto, que a Instituição se relaciona com a sociedade, fortalecendo a sua identidade comunitária.

Ao aproximar as atividades de ensino e pesquisa da comunidade, a Universidade se permite estabelecer uma via de mão dupla, retroalimentando essas dimensões e possibilitando que os estudantes recebam uma formação humanista e voltada para a cidadania, uma vez que, pela extensão, é criada uma interface muito próxima da realidade em que eles estarão inseridos como futuros profissionais depois de completada a sua formação acadêmica. Assim sendo, conforme se extrai do Projeto Político-Pedagógico, a extensão deve ser entendida como um elemento constituinte indispensável no processo ensino-aprendizagem. Não existindo de forma isolada, a extensão precisa estabelecer elos bastante profundos com o ensino e com a pesquisa. Visando construir uma prática solidária e cooperativa, ela necessita empreender ações com capacidade de construir o conhecimento de forma participativa.

No ano de 2009, observou-se que uma parcela considerável de pacientes atendidos na Clínica do Curso de Odontologia apresentava dentes com extensas áreas de destruição. Como não recebiam o necessário tratamento em razão de não conseguirem vagas nas disciplinas regulares do curso devido à grande demanda ou também face ao custo do trabalho de prótese elaborado em laboratório fora da Instituição, foi criado o Projeto de Extensão “Restaurações diretas em dentes com ampla destruição coronária” com a participação de estudantes bolsistas (Probex e Provex) e cuja coordenação passou a ser por mim exercida. Assim sendo, interagindo fundamentalmente com o ensino de graduação, buscou-se um espaço para preencher aquela lacuna do tratamento dentário dos pacientes de uma forma menos onerosa e por meio de uma intervenção em caráter mais resolutivo.

1 Doutor em Odontologia pela Universidade de São Paulo - USP/Bauru-SP. Atua como docente no Curso de Odontologia da Unisc.



Outro foco de atuação foi projetado para a solução dos casos de acentuada destruição dentária em pacientes de pouca idade (crianças e adolescentes), ocasião em que a colocação de uma restauração indireta (prótese) em caráter definitivo é contraindicada, sendo, portanto, plausível a reconstrução da porção perdida do dente por meio de uma restauração direta, que poderá permanecer até que a idade mais avançada do paciente permita a confecção de um trabalho de prótese.

A partir da sua criação e com objetivos definidos, o projeto teve ótima aceitação, tanto por parte dos pacientes, como pelos estudantes interessados em participar do mesmo. Em 2012, por orientação da Proext e buscando promover a interação dos diferentes tipos de tratamento, houve a unificação com dois outros projetos de formato similar, porém com atuação distinta, denominados “Tratamento endodôntico de molares com ênfase no retratamento”, coordenado pela Profa. Ronise Ferreira Dotto e “Estética e Cosmética em Odontologia”, coordenado pelo Prof. George Valdemar Mundstock. Essa unificação resultou no surgimento do atual projeto de extensão “Reabilitando sorrisos em busca de uma melhor qualidade de vida da população”.

Atualmente o projeto é destinado aos pacientes do curso de Odontologia, que, possuindo diferentes faixas etárias (crianças, adolescentes e adultos), apresentam necessidade de tratamento e/ou retratamento endodôntico de dentes permanentes, os quais posteriormente necessitarão de restaurações com um maior grau de complexidade. Também se estende a pacientes com necessidade de reabilitação estética dos dentes anteriores os quais, apresentando desarmonia de tamanho, posição ou cor, resultam em algum tipo de desconforto aos indivíduos.

Numa avaliação geral, pode-se considerar que a atividade desenvolvida pelo projeto tem apresentado um resultado altamente positivo e gratificante. Isso se deve à valiosa contribuição prestada pelos bolsistas e funcionários da clínica de Odontologia e também porque os pacientes têm-se mostrado bastante receptivos com o tipo de trabalho prestado, ao mesmo tempo em que sempre demonstram bastante satisfação tanto com o resultado alcançado quanto com o tipo de atendimento recebido. Essa consideração está amparada nas várias manifestações registradas no questionário de avaliação do projeto que lhes é solicitado preencher. Alguns exemplos dessas manifestações são apresentados a seguir:

“Quero agradecer pelo atendimento de todos. Espero que continuem sempre oferecendo este trabalho maravilhoso para a comunidade. O carinho dos profissionais, a simpatia e a competência são fantásticos”; “Este Projeto é de extrema importância, pois possibilita suprir uma necessidade do paciente que talvez nas disciplinas curriculares não houvesse a possibilidade por diversos motivos. No Projeto encontramos alunos interessados em aprender uma nova técnica, a obter maior conhecimento sobre o assunto e professores orientando um pequeno grupo”; “É uma atividade de grande valor”; “Que todos que dela se aproximem tenham o mesmo atendimento que eu obtive”; “Os alunos e professores estão de parabéns”;



“Só elogios em relação às atividades e ao atendimento oferecido pela Universidade”;
“Excelente atendimento. Somente assim a Unisc trará pessoas que honrarão as suas profissões”.

Por último, com base na manifestação dos pacientes usuários deste projeto, vale destacar a importância que a Universidade representa para suas demandas, pois, quando solicitada a se manifestar sobre os motivos para a busca dessa atividade na Unisc, a grande maioria descreveu como justificativa o fato de que iria encontrar um serviço de qualidade. Também é importante ressaltar que a totalidade dos pacientes atendidos sempre considerou que o tipo de atividade lhes trouxe algum tipo de benefício para a sua vida, seja na dimensão pessoal, seja na dimensão social ou profissional.



AS DUAS FACES DA ACADEMIA DE MUSCULAÇÃO / UNISC*Olí Jurandir Limberger¹**Stefania Bernardy²**Alexandre Strub³**Luiz Alexandre Seibel Schuh⁴*

Vivi muitos dos momentos mais intensos da minha vida dedicado ao treinamento físico geral visando a jogos de futebol. Sempre que podia, pois o pai só deixava jogar nos finais de semana, passava a treinar ou jogar bola no pequeno espaço gramado e plano perto de casa, denominado carinhosamente de baixadinha. Compartilhei essa prática esportiva com os irmãos e primos e, certamente, fui influenciado por isso a realizar o curso superior de Educação Física na Fisc. Hoje, como professor desse curso na Unisc, coordeno desde 1996 o projeto de extensão chamado Projeto Musculação Unisc, onde continuo realizando exercícios para meu condicionamento físico e melhoria da qualidade de vida.

A sala com alguns aparelhos foi montada em 1995 visando a atender disciplinas do curso. Com o aumento do número de aparelhos e com o crescimento institucional, cria-se a possibilidade de oferecer esse serviço à comunidade. Inicialmente houve atendimento para apenas duas turmas de 15 alunos, no horário das 17h às 19h, pois a sala era pequena e com poucos aparelhos. Nesse sentido, os próprios usuários faziam abaixo-assinado para se manterem naqueles horários, inexistindo novas vagas.

Nessa época, um professor conhecido chegou e me pegou com as duas mãos na camisa próximo do pescoço, dizendo: - Estou enfrentando alguns problemas pessoais e ... E continuou: - Quero saber se tu vais abrir uma vaga para mim na academia ou não? Respondi: Se tu me soltares, podemos negociar essa possibilidade. Ficamos um bom tempo conversando. Percebi, então, que, além dos exercícios físicos proporcionados aos usuários e da ampliação do conhecimento proporcionado aos bolsistas, a academia pode ser um local para dialogar em tempo real e compartilhar os nossos problemas. Alguns anos depois, o horário de atendimento foi estendido

¹ Docente do Departamento de Educação Física e Saúde da Unisc. Coordenador do projeto de extensão "Musculação".

² Estudante do Curso de Educação Física da Unisc. Atua como bolsista com Financiamento Externo do projeto de extensão "Musculação".

³ Estudante do Curso de Educação Física da Unisc. Atua como bolsista do Programa de Bolsas de Extensão - PROBEX do projeto de extensão "Musculação".

⁴ Estudante do Curso de Educação Física da Unisc. Atua como bolsista do PROBEX do projeto de extensão "Musculação".



para dois turnos, manhã e tarde, bem como houve a ampliação da sala e aquisição de vários novos aparelhos.

O Projeto Musculação tem como objetivos proporcionar aos usuários da Unisc e à comunidade exercícios físicos através de aparelhos de musculação; estimular a prática de exercícios físicos como meio para o desenvolvimento da saúde física e mental; oportunizar vivências práticas e de gestão e administração de uma academia aos acadêmicos de Educação Física; auxiliar a comunidade acadêmica no desenvolvimento metodológico de seus trabalhos de ensino, pesquisa e extensão; prescrever exercícios físicos de musculação, a partir da avaliação postural feita através do Projeto de Avaliação Funcional; e estimular a socialização.

O projeto tem auxiliado no atendimento de outros projetos, como Programa ASAS, projeto de Terceira Idade, projeto Dançar, projeto de Atletismo, projeto de Futsal, SIS, projeto de Futebol, além de atingir professores, funcionários, acadêmicos de diferentes cursos, contribuindo com o ensino, com a pesquisa e a extensão. Os treinamentos feitos na academia de musculação têm potencial para estimular várias funções essenciais do organismo, independente de idade, reforçando assim sua relevância social e científica.

Na terceira idade, ainda temos um certo tabu quanto aos exercícios de musculação. Muitos temem que com esse trabalho ficarão musculosos, como a maioria dos adolescentes, principalmente do sexo masculino. Pela experiência de vários anos no projeto, notamos que muitos desses jovens só percebem o corpo da cintura para cima. Alguns se exercitam desproporcionalmente ou faltaram às aulas de anatomia e fisiologia da universidade. No entanto, temos uma usuária de terceira idade que realiza exercícios na musculação há mais de 15 anos. Ela se tornou nossa melhor divulgadora em virtude do bem-estar proporcionado e melhorias na sua postura, acreditando, inclusive, nas ideias do livro *Cinquenta Tons de Cinza*.

Quanto à parceria com o Programa ASAS da Unisc, atendemos 40 funcionários e professores mensalmente, divididos em duas turmas de 20 usuários, que realizam exercícios três e duas vezes por semana. Com essa procura intensa pelo ASAS e realizando exercícios após o turno de trabalho da manhã, percebemos cada vez mais que a melhoria de vida não está só relacionada aos bens materiais ou às condições ambientais. Através da realização de atividades físicas, feitas por intermédio dos exercícios resistidos ou de musculação, essas pessoas também buscam uma melhora física, intelectual e emocional, do que resulta uma melhoria preventiva do estado da saúde em geral. Nessa interação multifuncional e intelectual, saboreamos diariamente uma boa salada de frutas.

A academia também tem-se tornado um ótimo local para os alunos do curso de Educação Física realizarem seus estágios e monografias. Em 2012, orientei uma monografia ali desenvolvida e a transformamos em artigo publicado em uma



revista internacional (FIEP BULLETIN – Foz do Iguaçu – PR), intitulado: Aerobic and resistance training in an individual with diabetes, hypertension and obesity due to a liver transplant: a study in Santa Cruz do Sul – RS. O resultado prático desse trabalho físico foi além da monografia e do artigo. O usuário em estudo teve uma melhora significativa da sua hipertensão arterial, níveis de colesterol e diabetes. Os exercícios realizados três vezes por semana na academia conseguiram reduzir a aplicação de 20ml para 06ml de insulina por dia. Esses resultados contribuíram na sua qualidade de vida, tendo em vista os efeitos da sua medicação para evitar a rejeição do transplante hepático realizado.

Em 2013, publicamos outro artigo na revista supracitada elucidando as ações realizadas pelo projeto, com o título: Organizational and functional structure of the Unisc weigh training project: an insight on teaching, research and university extension. Aqui enfocamos a estrutura organizacional e funcional do Projeto Musculação Unisc, com uma visão voltada para o ensino, a pesquisa e a extensão na universidade. Apresentamos dados de 2000 a 2012, decorrentes do projeto: 11 estágios em bacharelado, 5 trabalhos monográficos e 16 resumos científicos publicados em anais. Assim, atendemos o Fórum de Pró-Reitores de 2006, no processo de transformação das universidades, que resgata duas necessidades: 1) reflexão sobre concepções de currículo, a partir da análise de modelos de Universidade historicamente constituídos na realidade brasileira; 2) entendimento do processo de flexibilização curricular, tendo como ponto de referência a indissociabilidade ensino–pesquisa–extensão.

A partir de alguns dados apresentados, pode-se considerar que o Projeto Musculação da Unisc tem contribuído para melhoria da qualidade de vida de vários usuários e no compromisso social das universidades, com a prática da tão desejada aproximação do ensino, da pesquisa e da extensão.



TRABALHANDO OS SONHOS NUM GRUPO DE CRIANÇAS ABRIGADAS

Miguel Angel Liello¹
Amanda Anute Vitor Fernandes²
Fabiane Azambuja³

Este trabalho se propõe a fazer um relato das experiências do grupo da Psicologia na instauração e desenvolvimento do primeiro ano do “Conta Sonhos”, experiências realizadas com crianças abrigadas na COPAME.

A COPAME é uma instituição que funciona em regime de abrigo, mantida financeiramente por associados, doações da comunidade, doações de outros países e da prefeitura local.

O número de crianças é variável. Algumas ficam poucas semanas, poucos dias e, em alguns casos especiais, permanecem na instituição por anos. Os encaminhamentos são feitos pelo Conselho Tutelar e Juizado da Infância e Juventude, visto que são crianças vítimas de maus tratos, abandono ou que estão em situação de risco.

Quando chegam à instituição, é feita a adaptação ao grupo, sendo imprescindível o acompanhamento de uma psicóloga do local e, se necessário, são encaminhadas para avaliações específicas.

Todas as crianças maiores são envolvidas, por meio de escalas rotativas, nos afazeres leves das casas, aprendendo assim as tarefas domésticas e cuidados com suas roupas e materiais, além de fazerem trabalhos manuais que desenvolvam a motricidade e a criatividade. Ainda participam de projetos dentro e fora da Instituição.

A divisão das casas é feita da seguinte maneira:

- Berçário: onde ficam as crianças de 0 a 3 anos.
- Casa dos “pequenos”: onde ficam as crianças de 3 a 7 anos.
- Casa dos meninos: onde ficam os meninos com mais de 7 anos.
- Casa das meninas: onde ficam as meninas com mais de 7 anos.

¹ Mestre em Psicologia Clínica pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul - PUCRS. Docente do Departamento de Psicologia da Unisc. Atua como docente e supervisor de estágios no Curso de Psicologia da Unisc. Coordenador do projeto “COPAME”. E-mail: mangel@unisc.br

² Acadêmica do Curso de Psicologia da Unisc. Atua como bolsista do PROBEX no projeto “COPAME”. E-mail: amandaanut@hotmail.com

³ Acadêmica do Curso de Psicologia da Unisc. Atua como voluntária pelo Programa de Voluntários na Extensão - PROVEX no projeto “COPAME”. – faby_azambuja@hotmail.com



No princípio, as atividades dos bolsistas acadêmicos da Psicologia ficavam restritas aos grupos com cuidadores. No entanto, foi-se percebendo uma necessidade de fazer um trabalho voltado para as crianças. Assim, no segundo semestre do ano de 2012, teve início o grupo denominado “Conta Sonhos”. Tal grupo ocorre semanalmente, focando as crianças da casa dos pequenos (faixa etária 3 a 7 anos), pois é o grupo que possui menos atividades em relação às outras crianças.

O objetivo do “Conta Sonhos” é proporcionar um espaço para que as crianças possam contar seus sonhos. Nosso propósito é que elas possam falar, brincar, desenhar, interagir entre si e, através da imaginação, dar diferentes resoluções aos sonhos trazidos. Deste modo, trabalham-se as figuras que emergem durante os encontros no intuito de uma tomada de consciência.

Ao contar os sonhos, aspectos de nossa própria personalidade que anseiam por equilíbrio aparecem, ou seja, nos sonhos estão embutidos aspectos e traumas inconscientes que nos perturbam (SCHNACKE, 1990).

Podemos perceber esses aspectos nas falas e ações das crianças. Tendo em vista que passaram pelas mais variadas situações traumáticas, fica evidente o simbolismo e a dramaticidade que os sonhos carregam. Mesmo nos momentos em que são estimuladas a usar a imaginação nos desenhos e nas histórias que nos são contadas como se fossem sonhos (e que tem igual valor para o trabalho), notamos o quanto de aspectos da realidade que vivem e viveram estão presentes nos relatos. No entanto deixamos o processo de interpretação dos sonhos por conta das crianças. O interessante para o grupo é que a criança experiencie a elaboração do fato ocorrido, pois, segundo Fagan e Shepherd (1980), não há como saber tudo sobre a vida daquela pessoa em poucos momentos de contato.

Procuramos sempre respeitar o que emerge no grupo, sem cortar o fluxo dos relatos nem a imaginação das crianças de modo a propiciar um espaço em que elas se sintam à vontade tanto com os bolsistas como entre elas mesmas, a fim de que possam deixar a experiência fluir livremente. Este trabalho é experiencial e experimental. Deste modo concordamos com Zinker (2007) quando sustenta que o experimento “transforma o falar em fazer, as recordações estéreis e as teorizações em estar plenamente aqui, com a totalidade da imaginação, da energia e da excitação” (p. 141).

Nosso trabalho tem como base a orientação fenomenológica existencial da Gestalt-terapia. Assim, trabalhamos com o que emerge no aqui e agora do grupo, considerando o fenômeno emergente como uma Gestalt inacabada. Na medida em que se proporciona à criança e ao grupo a possibilidade de trabalhar com essa situação no momento presente, surge a possibilidade de compreendê-la com mais recursos (ZINKER, 2007).



O início do “Conta Sonhos” foi em agosto de 2012, partindo das ideias de Perls que descreve o sonho como portador de projeção de uma parte alienada ou dissociada da personalidade. Assim, o trabalho tem como finalidade a reapropriação, do sonhador, das parcelas projetadas, com vistas à intensificação da *awareness* e a associação do conteúdo ao plano da sensorialidade, sustentáculo do funcionamento saudável. Deste modo, para a Gestalt -terapia “o sonho é a expressão mais espontânea do ser humano, uma peça de arte que cinzelamos a partir de nossas vidas. E cada parte, cada situação no sonho, é criação do próprio sonhador” (PERLS apud FAGAN; SHEPHERD, 1973, p. 44-5).

Ao longo deste trabalho, precisou transcorrer um período de ajustamento mútuo à situação nova que estava se estabelecendo entre nós. Durante o período de férias, precisou ocorrer um remanejamento, e os encontros, que são semanais e com uma hora de duração, diminuíram sua frequência. No retorno foi necessário esclarecer e reforçar junto às crianças qual era a nossa proposta de trabalho (os sonhos), combinando em conjunto algumas regras para um melhor funcionamento do grupo e sempre deixando claro que elas somente participariam dos encontros quando estivessem com vontade, de modo que percebessem que não eram obrigadas a ficar conosco, mas que estaríamos ali todas as semanas nos disponibilizando para elas.

O processo de negociação com o cliente para a elaboração do esboço de um experimento e a disponibilidade dele para participar é o que se chama de consenso. O cliente precisa saber que estou a sua disposição e que ele não está só. [...] A cada etapa crítica do trabalho, o terapeuta deixa claro para o cliente que ele pode tanto concordar como discordar em tentar algo novo como não. (ZINKER, 2007, p. 149).

Após esse movimento, percebemos uma melhora significativa nas relações que passaram a estabelecer dentro do campo criado, onde o movimento de trazer os sonhos para os encontros começou a vir das próprias crianças, sem que precisássemos perguntar a elas. Deste modo, sempre negociamos com elas (na medida do possível) o que elas gostariam de fazer e abordar durante os encontros e assim estamos descobrindo juntos as formas mais adequadas de enfrentar as situações que vão emergindo, procurando trabalhar de uma forma que os encontros sejam ao mesmo tempo lúdicos, mas que não percam o sentido de desenvolver nas crianças um processo criativo e elaborativo das histórias pessoais.

A proposta do “Conta Sonhos” nos parece importante na vida dessas crianças, pois em nossos encontros elas podem se expressar e ter o seu momento de contato com sua própria história dando a elas uma nova oportunidade de reexperenciar e ressignificar para tentar resolver os seus conflitos internos.



Para finalizar, gostaríamos de acrescentar o quanto as devoluções que recebemos por parte das cuidadoras que convivem diariamente com as crianças, têm nos deixado felizes em saber que, aos poucos, estamos conseguindo nosso propósito de que as crianças, na medida em que vão elaborando seus traumas e conflitos, consigam estabelecer um melhor relacionamento na convivência dentro da casa. Além disso, este trabalho proporciona uma melhor integração do seu ser, ajudando-as a se desenvolver de forma mais harmônica.

Referências

FAGAN, J.; SHEPHERD, I.(Org.).*Gestalt-terapia: teoria, técnica e aplicações*. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

_____.*Gestalt-terapia: teoria, técnica e aplicações*. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1980.

SCHNACKE, A. *Sonia te envio los cuadernos café*. Buenos Aires, Argentina: Editorial Estaciones, 1990.

ZINKER, J. *Processo criativo em Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus, 2007.



A FORMAÇÃO ACADÊMICA, A EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA E A INTEGRALIDADE NA SAÚDE

Angela Cristina Ferreira da Silva¹

Eunice Maria Viccari²

Marcus Vinicius Castro Witczak³

Rafael Kniphoff da Silva⁴

Contextualizando

A extensão universitária tem-se ocupado dos fazeres profissionais a partir da relação com o ensino e a pesquisa, garantindo um aprendizado na perspectiva da inserção social aos docentes e discentes. É na extensão universitária que se tem a possibilidade de vivenciar e experienciar situações e sentimentos que se materializam através das mediações que docentes/estudantes produzem com e na realidade social.

O Serviço de Reabilitação Física (SRFis) da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc) está credenciado junto ao Ministério da Saúde e à Secretaria de Saúde do Estado do Rio Grande do Sul e atua em parceria com três Coordenadorias Regionais de Saúde. Seu início ocorreu através de um projeto direcionado às pessoas amputadas com atuação direta do Curso de Fisioterapia. Credenciado em 2009, tornou-se um serviço de média complexidade, com atuação multiprofissional e interdisciplinar integrando sete cursos de graduação desta Universidade com número expressivo de bolsistas, professores e técnicos contratados.

A perspectiva cotidiana do trabalho do SRFIS se evidencia em conceder um atendimento predominantemente relacionado à protetização e reabilitação buscando a atenção integral. Ao mesmo tempo emergem elementos que problematizam e movimentam a equipe na busca por *modus operandi* mais efetivo tendo como orientação os conceitos de integralidade, resolutividade, equidade e gestão compartilhada.

¹ Mestre em Educação pela Unisc. Atua como docente no Curso de Fisioterapia e coordenadora do projeto de extensão “Serviço de Reabilitação Física – Nível Intermediário” (SRFis).

² Assistente Social, Mestre e Doutora em Serviço Social pela PUCRS. Docente adjunta da Unisc e integrante da equipe do projeto SRFis.

³ Psicólogo, Doutor em Psicologia pela PUCRS. Docente adjunto do Departamento de Psicologia da Unisc, pesquisador na área de Saúde Mental e Trabalho, docente integrante da equipe do projeto SRFis.

⁴ Mestrando em Promoção da Saúde na Unisc. Atua como docente no Curso de Fisioterapia da Unisc e como Fisioterapeuta no projeto SRFis.



A gestão deste projeto está a cargo de docentes com a participação de estudantes dos cursos de Enfermagem, Fisioterapia, Medicina, Nutrição, Psicologia e Serviço Social, que atribuem ao mesmo o caráter de atuação interdisciplinar. A cada ano a experiência afirma novos elementos de consolidação que, para a equipe, a Universidade e a comunidade regional, são percebidos como avanço no que se refere à Atenção e à Formação de estudantes dos cursos mencionados. Tal consolidação está evidenciada na elaboração, apropriação, produção e divulgação científica relativa ao objeto de estudo, processo que vem repercutindo em reconhecimento interno e externo da Universidade diante da articulação dos dois eixos 'Formação e Atenção'. Entretanto, é a partir da Formação que os objetivos precípuos da Unisc se consolidam e, desses, decorrem os compromissos dos professores com a produção do conhecimento científico que está para além da prestação de serviços à população e que, ao mesmo tempo, os integra. É essa integração que atribui ao SRFis um diferencial na Formação e Atenção. As ações desenvolvidas se sobressaem nestes âmbitos, dentro de uma perspectiva de um conceito ampliado de saúde, por abordar o sujeito, usuário e cuidador na sua integralidade. Integralidade essa que, ao lado da universalidade e equidade, fundamentam os princípios doutrinários do SUS. Preconizar a integralidade implica combinar ações para a prevenção e cura igualmente, uma vez que estes são processos distintos e coexistentes.

Ao atender um indivíduo como ser integral, o trabalhador do campo da saúde intervém e investiga as diferentes situações da vida social que determinam o adoecer e que condicionam a busca por um Serviço de Reabilitação. Essa concepção está presente na metodologia que norteia a execução de todas as atividades que são realizadas no Serviço. É com esse enfoque que o indivíduo é compreendido em todas as dimensões constituintes - biológica, psicológica, política, econômica, cultural e social -, estando sujeito aos riscos produzidos nos processos societários.

Compreender essa dimensão pela equipe é condicionante para realizar atenção, produção e apreensão de conhecimentos. Por essa razão, os diferentes saberes oriundos dos currículos plenos dos cursos integrantes do Serviço têm sido imprescindíveis. Assim, o trabalho multiprofissional tem-se configurado continuamente na perspectiva de atuação integral e interdisciplinar. O conceito de integralidade orienta os saberes e fazeres do trabalho em equipe e, igualmente, a atenção aos usuários desse Serviço: pessoas com deficiência.

As possibilidades construídas e retroalimentadas continuamente através de reflexões em equipe enquanto atua na Formação e na Atenção em Saúde materializam os seguintes objetivos:

- 1- Contribuir com a formação dos estudantes, numa perspectiva de trabalho em equipe, visando à atenção integral à saúde, orientando-os teórica e metodologicamente de modo que atuem na Atenção e Gestão da saúde pública.



2- Garantir o cuidado em saúde respeitando as particularidades das profissões envolvidas na perspectiva da multiprofissionalidade e interdisciplinaridade.

3- Programar e executar um projeto terapêutico individual compondo a Rede de Atenção à Pessoa com Deficiência, seus familiares/cuidadores na perspectiva de atenção integral em saúde e, quando necessário, dispensar órteses e próteses e meios de locomoção – OPMs.

Esses objetivos, materializados na Atenção e Formação em saúde, representam movimentos profícuos, que expressam resultados de compromissos com a qualidade do ensino, articulados à pesquisa e extensão, com os quais a Unisc se compromete. Vincular esta atividade de extensão na área da saúde se torna um desafio, sobretudo quando diz respeito à articulação com uma política pública. Tal desafio se coloca em maior dimensão por se tratar da Rede da Pessoa com Deficiência, conforme definido pela Convenção sobre os Direitos das Pessoas com Deficiência, que contempla uma agenda de compromissos com a inclusão social.

Para o alcance dos objetivos propostos, a questão metodológica é alvo de uma construção coletiva permanente, uma vez que a realidade de intervenção sinaliza novas situações a serem acolhidas tanto para a Atenção à Saúde, quanto ao processo de formação universitária. Da mesma forma, é importante a atuação em equipe, sobretudo quando seus integrantes são oriundos de formações diferenciadas, que requerem constantes aprofundamentos, necessários a uma atuação interdisciplinar.

A Formação ocorre basicamente através da vivência, produção e socialização de conhecimentos que se desenvolve a partir do trabalho de aprendizado e refletido através da Atenção. Para garantir o eixo da Formação, são desenvolvidas as seguintes atividades: reunião de equipe, supervisão por curso, acompanhamento pedagógico, participação em eventos de natureza científica.

Essa atividade tem um caráter continuado no processo de aprendizado das diferentes habilidades necessárias para o futuro desempenho profissional, seja na condição de técnico, seja na de gestor do campo da saúde: desenvolvimento e aprofundamento dos conteúdos teóricos e de sistematização de dados e informações; aperfeiçoamento da capacidade de comunicar-se, seja através da escrita – técnica e reflexiva –, seja de forma oral, exercitada na apresentação de trabalhos em eventos científicos e diferentes espaços acadêmicos.

Arrematando

O SRFis é atualmente um Serviço que visa à formação de estudantes dos diferentes cursos e uma *Atenção em Saúde integral e integrada* o qual proporciona ações coletivas e individuais para usuários do Sistema Único de Saúde, seus familiares/cuidadores e coloca a Unisc como centro de referência na concessão de órteses, próteses e meios de locomoção.



O constante desafio da extensão articulada ao ensino está no ajuste e no cotidiano das avaliações do saber /do fazer /do avançar nos processos de formação dos estudantes e dos professores, uma vez que a pluralidade das profissões, das linhas teóricas e das percepções docentes desacomodam e nos colocam em constantes tensionamentos na busca pelo melhor das ações.

Estes movimentos proporcionam uma formação ampliada e integrada no trabalho em equipe e pela equipe, além de potencializar metodologias mais ativas e reflexões do cotidiano das ações, mas de forma engendrada à integralidade da formação e do cuidado.

Para tanto, este projeto faz parte do cotidiano dos cursos de seus respectivos planos de ensino e de algumas disciplinas, potencializando o aprender em ato, pois é no encontro com o outro e pelo outro que há motivação, invenção, resolução e o avanço da formação no reconhecimento da comunidade local e regional.



TRAJETÓRIA DE PEQUENOS PÉS EM BUSCA DE ALEGRIA

Texto de Carine Muniz¹

Colaboradora: Jéssica Taís Luedtke²

Orientadora: Professora Martha Helena Segatto Pereira³

Em um dia normal de atividades na ala pediátrica, entre internações e idas para casa, a história contada por colegas chama a atenção. Um menino, de uma família humilde, é internado na unidade hospitalar. Uma criança assustada, com medo, em um ambiente totalmente estranho. Experiência nunca vivenciada, em meio a procedimentos técnicos de enfermeiros e visitas médicas. A cada minuto que passa, aumenta a insegurança, o medo de estar em um ambiente estranho. Está sempre ao lado de sua mãe que o acalma.

No aconchego dos braços da mãe, pede que vão para casa, mas, devido à enfermidade, isso não é possível. Eis que alguém bate à porta do quarto e adentra uma moça. Não é a enfermeira, nem a médica, é uma pessoa diferente. A sorridente moça traz alguns brinquedos que chamaram a atenção do menino, e naquele rostinho surge o primeiro sorriso, desde o momento da internação. Ela convida para que se dirijam até uma sala.

Com a sementinha da curiosidade plantada naquele mesmo instante, mãe e filho partem em direção à última sala do corredor da ala pediátrica. O menino desloca-se com pequenos passos, de mão dada com sua mãe, que também carrega a bolsa de soro. Lentamente vão se aproximando. Chegam à porta da sala de recreação e o menino, surpreso, fica maravilhado com o que vê. Ao entrar na sala, caminha lentamente, explorando o espaço com o corpo e com os olhos, sem tocar em nenhum brinquedo. Tudo ali lhe chama a atenção, é difícil escolher um só brinquedo, em meio a carrinhos, peças de encaixe, joguinhos, bolas, e tantos outros.

Depois de identificar os brinquedos, ele pede para brincar com os carrinhos. E ali começa um novo universo, esquece por algum momento que está no ambiente

¹ Estudante do 8º semestre do Curso de Educação Física - Bacharelado da Unisc. Atuou como voluntária pelo PROVEX no projeto de extensão “Atenção à Criança e ao Adolescente” (ACA), com atividades de recreação terapêutica no Hospital Santa Cruz.

² Estudante do 8º semestre do Curso de Educação Física - Bacharelado da Unisc. Atua como bolsista com Financiamento Externo no projeto de extensão “Atenção à Criança e ao Adolescente” (ACA), com atividades de recreação terapêutica no Hospital Santa Cruz.

³ Docente do Departamento de Educação Física e Saúde da Unisc. Atua nos seguintes projetos extensionistas: “Atenção à Criança e ao Adolescente” (ACA), como coordenadora das atividades de recreação terapêutica nos Hospitais Santa Cruz e São Sebastião Mártir (Venâncio Aires); e “Programa Dançar” (PDU), como coordenadora das atividades.



hospitalar e se deixa levar pelo mundo da fantasia. Cria uma história, um mundo em cima daquele espaço e dos brinquedos, tudo com a participação da moça, a recreacionista, que participa dando asas à sua imaginação. É neste espaço que tudo se transforma, a mãe volta a ser criança junto com seu filho, os brinquedos tomam vida e uma peça de madeira pode ser uma árvore. O mundo estabelecido no espaço de recreação passa a ser visto através dos olhos de uma criança, os brinquedos e brincadeiras transformam o impacto da internação em sorrisos, em momentos de alegria. Aos poucos, chegam outras crianças. O que era apenas o mundo do menino antes assustado e surpreso, passa a ser um universo para cada criança que ali se encontra, mundos que se entrelaçam por momentos, fazendo parte um do outro numa mesma brincadeira.

O tempo passa rápido e chega a hora de voltar para o leito. A mãe tem dificuldade para convencer o filho de que está na hora de fechar a sala e que deve ir para o quarto. Para amenizar situações como essas, a recreacionista empresta um brinquedo para que seja levado até o leito. Durante os dias em que está internado, o menino participa das atividades de recreação realizadas junto à pediatria e sempre brinca na sala com outras crianças internadas, com sua mãe ou com a recreacionista.

O menino frágil reage bem ao tratamento e já está restabelecido para ser liberado e retornar ao seu lar. Então, vai até a sala de recreação aproveitar os últimos minutos de brincadeiras, pois não sabe quando voltará. Ao mesmo tempo em que entende que estar ali significa estar doente, não quer sair, pois tem a oportunidade de brincar com o que nunca brincara antes e que talvez jamais pudesse ter igual oportunidade. Sabe que em sua casa não terá nada daqueles brinquedos e que sua família não tem condições de lhe dar.

A mãe já não vê a hora de poder ir para casa. Naquela manhã, ao se despedir da recreacionista, o menino fica triste, pois não quer sair dali. Naqueles dias em que esteve internado, frequentou a sala de recreação e criou um vínculo de amizade com a “tia dos brinquedos”. Mas era hora de voltar e lá se vão mãe e filho caminhando pelo corredor em direção à saída.

Essa seria apenas mais uma história de uma criança internada na pediatria do Hospital Santa Cruz. Porém, a história não acaba aí. A sala de recreação continua com suas atividades, a cada dia novas internações e, conseqüentemente, novas crianças frequentando o espaço. Eis que um dia, estando a sala cheia de crianças entretidas com os brinquedos, a recreacionista percebe um chininho cheio de lama na porta da sala. Imagina ser de uma criança que tivesse vindo com a mãe para visitar um amiguinho internado.

E, como todos os dias, chega a hora de fechar a sala. As crianças vão voltando para os leitos com seus acompanhantes. E o menino com os pés lamacentos continua na sala. Foi então que a recreacionista reconhece aquele rosto. É aquele menino



que há alguns dias esteve internado e logo imagina que ele estivesse internado novamente. Pergunta por sua mãe e o menino responde que nada sabe. Foi então verificar com a equipe de enfermagem sobre a sua internação e, para surpresa dela, ele não havia sido internado. Conversando com o menino, ele lhe contou que saiu de casa sozinho, fugido de sua mãe e foi a pé de sua casa até o hospital para voltar à sala de recreação. Ele queria apenas voltar para aquele lugar com tantos brinquedos, reviver os bons momentos ali vividos, que o fizeram esquecer de que estava doente. Voltar para brincar, já que em sua casa não havia tantos brinquedos, voltar para o convívio da sorridente e atenciosa “tia dos brinquedos”.

Casos como esse refletem a importância de oportunizar momentos de recreação num ambiente hospitalar. No Hospital Santa Cruz, esse espaço é proporcionado pelo Projeto “Atenção à Criança e ao Adolescente”, uma feliz parceria entre a Universidade de Santa Cruz do Sul e a empresa Mercur. As ações são desenvolvidas por bolsistas do Curso de Educação Física e voltadas aos pacientes do Sistema Único de Saúde (SUS), mas também são bem recebidos os pacientes internados na ala particular. As atividades recreativas são desenvolvidas e adequadas aos usuários de acordo com sexo, faixa etária, interesse.

No decorrer do trabalho nos certificamos da sua importância e da existência do projeto para alegria e auxílio na recuperação dos pacientes. As mães e responsáveis se alegram junto com os pacientes, observando o trabalho desenvolvido. E só isso já faz valer a pena nosso empenho. É gratificante podermos ajudar, alegrar e elevar a autoestima, passando calma e conforto, pois muitas vezes estão longe da família e não têm ninguém para dialogar. É também um período de intenso aprendizado, pois cada criança ou adolescente apresenta limitações e reações diferentes, e aprender a trabalhar com cada uma delas é muito importante para o aperfeiçoamento do trabalho. Aprendemos a controlar emoções, fazer um trabalho humanizado, o que leva a um amadurecimento pessoal contribuindo para desenvolvimento profissional.

Integrar um projeto que faz a diferença para algumas pessoas representa grande recompensa. A atenção dada às crianças e aos familiares no momento da internação é fundamental para o acolhimento e, de alguma forma, tranquilizá-los. Os familiares gostam que seus filhos recebam essa atenção, observando que desta forma as crianças esquecem que estão doentes, se distraem, sorriem, brincam e se relacionam com outras pessoas, auxiliando na sua recuperação. Para as pessoas que participam das atividades, o projeto é de extrema valia.

Participar de projetos de extensão é de fundamental importância para o aperfeiçoamento da formação profissional. Na extensão obtemos a troca de saberes entre a comunidade em geral e a acadêmica, adaptando a teoria da sala de aula à realidade, visto que as experiências vivenciadas e os saberes adquiridos vão muito além do que é passado em sala de aula, pois acrescentam saberes em nossa vida pessoal.



A CONVIVÊNCIA DE HISTÓRIAS

Diana de Azeredo

Já conversei com muitas pessoas que se formaram em diferentes cursos superiores e a impressão da maioria é parecida: “sentem” que poderiam ter aproveitado melhor o tempo de faculdade. Também conversei com muitos amigos que gostariam de estar na universidade e, por falta de condições financeiras ou de certeza quanto ao que gostariam de estudar, permanecem longe da vida acadêmica. Impossível não me inquietar com esses depoimentos.

Há mais de um ano, comecei a desconfiar de que deveria existir “algo mais” por aqui. Sabe, refiro-me a algo além da pressa para “se formar”, além da reclamação de final de semestre, além do estresse para obter a nota mais alta. Foi então que, em resposta às minhas orações (acredite se quiser), recebi uma bolsa de Extensão. A partir desse momento, é como se um portal secreto tivesse sido aberto em meio às paredes da sala de aula. Para começar, entendi que a Unisc atua em três dimensões. O Ensino (ou seja, a sala de aula, as disciplinas) é apenas uma delas. As outras duas são Extensão e Pesquisa. Minha vontade era pegar um megafone e sair anunciando a maravilhosa descoberta.

Em abril de 2012, passei a atuar como bolsista do projeto de “Memória Institucional”, coordenado pela professora Ana Maria Strohschoen. A proposta é muito interessante: preservar e contar a história de empresas da região. Como? Entrevistando diretores, funcionários, clientes e outras pessoas envolvidas. Esses depoimentos, gravados e editados, resultam em um vídeo que é postado no blog Pesquisar é Bom. Além da gravação, os alunos produzem um histórico escrito da instituição. Todo o trabalho tem base na teoria. No nosso caso, utilizamos pesquisas sobre comunicação organizacional e o método da História Oral, proposto por Paul Thompson .

Cabe a mim auxiliar a turma durante a produção dos trabalhos, esclarecer dúvidas, orientar... Também atualizo, com notícias, a página online do projeto. Providencio ainda a divulgação das atividades na imprensa regional, como rádio e jornal. A ideia é que a comunidade conheça o blog e esteja à vontade para assistir aos vídeos, conhecer as histórias, pesquisar sobre empreendedorismo e outros assuntos voltados ao meio empresarial. Para os alunos, é a oportunidade de divulgar suas produções e chegar ao mercado de trabalho com uma proposta diferenciada, inovadora. Afinal, muitos empresários jamais pensaram na possibilidade de preservar a história de sua empresa por meio de vídeos.



Nessa experiência com o projeto, dois momentos merecem destaque: um deles foi a participação na Mostra Venâncio-Airense de Cultura e Inovação (Movaci), promovida pelo IF-Sul da minha cidade natal. Foi uma chance maravilhosa de interagir com estudantes mais novos, pais e professores. Para provocá-los, perguntei a respeito de quantos anos suas escolas possuíam e de quem as havia fundado. Muitos desconheciam essas informações e se sentiam desafiados a resgatar a memória de suas instituições. Saíram do estande fazendo planos de gravar vídeos históricos. Depois de três dias de mostra, eu e a professora Ana pudemos ainda comemorar o recebimento do troféu de Destaque Especial.

No Salão de Ensino e Extensão, o segundo momento que merece ser salientado, também houve trocas de experiências. Conhecemos outros projetos interessantes e tivemos a oportunidade de divulgar o nosso. Foi maravilhoso o retorno do pessoal que assistiu à apresentação. Obviamente, enfrentamos a correria para terminar os slides, a insegurança diante do microfone... Mas tudo isso faz parte e já nos serve como “treinamento” para o futuro enfrentamento da banca de avaliação da monografia (e de outros desafios que devem aparecer).

Vale ressaltar que atuo como bolsista titular, mas não trabalho sozinha. Conto com a contribuição fundamental do ex-bolsista Elísio Rodrigues de Freitas, da monitora Rafaela Medeiros e do voluntário Guilherme Graeff. A eles e à professora Ana Maria, sou grata pela paciência e pela disposição em somar forças. Participar de projeto de Extensão também tornou isto evidente: os professores não são pagos para nos fazer cobranças absurdas, nem para aplaudir nossa preguiça e irresponsabilidade. Já os colegas não precisam ser encarados como rivais, nem apenas como parceiros de festas.

A vida acadêmica está ganhando um novo sentido para mim. Hoje, depois de oito meses envolvida na Extensão, não consigo me imaginar “formada” em Jornalismo sem essa experiência (e nem cheguei a mencionar as descobertas feitas durante as oficinas para bolsistas). Nem sempre é agradável treinar o ouvido para ouvir o outro. Nem sempre é fácil trabalhar com ideias diferentes. Nem sempre é imediato o resultado de um trabalho árduo. Mas loucura seria desperdiçar essa oportunidade de aprender. Se antes meu desejo era ampliar minha vivência universitária, agora, minha vontade é compartilhá-la com você para encorajá-lo a experimentar também. No futuro, nossas lembranças podem render histórias, no mínimo, mais interessantes.



TESOUROS DA TERRA

Diana de Azeredo¹

Não era um passeio como aqueles que eu estava acostumada a fazer. Equilibrando-me no ônibus, morro acima, percebi que se tratava de ingenuidade pensar que conhecia Santa Cruz do Sul apenas por ter almoçado na Gruta dos Índios, virado a noite na Oktoberfest, tirado foto no Morro da Cruz e tomado sorvete no shopping. O que estava prestes a descobrir naquela visita teria um grande impacto na minha maneira de pensar.

Os outros estudantes não esconderam o medo diante do novo ambiente que parecia ameaçador. “Puro preconceito”, pensei, mas sem estar certa se a minha disposição era fruto da coragem ou da irresponsabilidade. Desci do ônibus mal disfarçando a curiosidade. O que era aquilo, afinal? Um zoológico? Um jardim botânico? Eram casas pequenas e improvisadas ou eram gaiolas apertadas e com grades de madeira? Eram pessoas igualmente curiosas com a nossa presença ou animais assustados, prontos para atacar os estranhos que se atreviam a explorar seu habitat?

A caminhada pelo bairro foi curta e íngreme. Mas foi o suficiente para ouvir o desabafo de um senhor que aparentava ter mais de 60 anos. Rouco, porém decidido, afirmou, sem ser perguntado, que não iria sair daquele lugar. Diziam, segundo ele, que o morro podia desabar. No entanto, garantiu nunca ter visto a terra “arredar um só tantinho”. O motivo de se recusar a ir para um lugar seguro, que o governo estava providenciando? Sua família viveu ali, sua identidade está vinculada ao local.

Atuo como bolsista do projeto “Memória Institucional” e a relação foi imediata. Fiquei olhando para as rugas daquele rosto convicto, mas pouco convincente. Quanto pesavam aquelas recordações? Qual era o tamanho daquelas lembranças? O suficiente para ocupar o casebre e o coração do homem. Quanto valiam aquelas histórias? O suficiente para não serem abandonadas sob o risco de serem soterradas ou lançadas morro abaixo.

Talvez ladrões fôssemos nós, querendo roubar-lhes seus tesouros mais preciosos. Talvez ameaçadores fossem os nossos livros e apontamentos científicos.

¹ Estudante do 7º semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo da Unisc. Atua como bolsista do Programa Unisc de Iniciação Científica - PUIC no projeto Jornalismo e Literatura: Narrativas Reconfiguradas. Em 2012, atuou como bolsista do PROBEX no projeto de extensão “A Memória de Empresas na Internet: um site de históricos de empresas desenvolvido pelos alunos de graduação da Unisc”.



Pois, o que vi ali foram pessoas tentando se proteger dentro daquilo que consideram proteção. É possível que para elas segurança signifique estar onde suas lembranças estejam seguras. Enquanto estivessem cambaleantes, equilibrando-se no morro, aquelas memórias não morreriam. E apenas isso importava, já que o corpo vai virar pó de qualquer jeito.

O curso de capacitação para os bolsistas chegava ao fim depois de dois meses de encontros. Todos os debates sobre ir além das paredes da universidade e oferecer algo para a comunidade ganharam um novo significado. Minha maneira de encarar o curso de Jornalismo também mudou. Certamente, a vivência acadêmica não estaria completa sem essa experiência. E é assim que a Extensão e (imagino) a Pesquisa completam a formação universitária.

Sem elas, o Ensino corre o risco de se reduzir a uma pilha de trabalhos realizados às pressas e a uma soma de notas que nada representam além de números. Minha qualidade profissional requer mais do que isso. Entendi que o momento de garimpar as pepitas de ouro é agora. No território universitário, há muitas delas. Para o futuro, desejo que elas façam parte das minhas melhores lembranças.



REABILITAÇÃO DE PACIENTES ONCOLÓGICOS: FOCO NA EXTENSÃO UNIVERSITÁRIA

Dulciane Nunes Paiva¹

O câncer (CA) se caracteriza como uma perturbação do crescimento celular em que ocorrem alterações permanentes e hereditárias. Os principais fatores responsáveis pelo seu surgimento são os hábitos de vida e as condições ambientais. O câncer está entre as três primeiras causas de morte no Brasil. O sistema que melhor demonstra sua evolução é o Sistema Único de Saúde (SUS), já que é o responsável pelo maior número de usuários e pelo maior orçamento. O gasto com assistência a esses pacientes, incluindo a prevenção, o tratamento e a previdência é o mais dispendioso do SUS, representando uma grande parcela do uso dos recursos públicos, em razão do aumento do número de novos casos (NERY; FERNANDES; PERFEITO, 2006).

O câncer resulta em grandes perdas funcionais e psicológicas, sendo necessárias ações do fazer em saúde que possibilitem ao seu portador adquirir melhor qualidade de vida com redução das limitações funcionais ocasionadas pela própria doença, bem como por sua terapêutica. Com base nesses dados, no período de 2006 a 2011, foi desenvolvido o Projeto de Extensão *Reabilitação de Pacientes Oncológicos* que abrangeu os Cursos de Fisioterapia, Odontologia, Psicologia e Direito da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc). O projeto objetivou melhorar a capacidade física, psicológica, a saúde bucal, bem como possibilitar acesso aos pacientes oncológicos ao Gabinete de Assistência Jurídica da Unisc, visando oferecer orientações quanto aos seus direitos. Esse Projeto de Extensão beneficiou pacientes oncológicos habitantes dos municípios dos Vales do Rio Pardo e Taquari, com ênfase em uma abordagem multidisciplinar.

O foco das vivências realizadas foi o de modificar a realidade dos portadores de câncer, no sentido de lhes conferir maior qualidade em suas atividades de vida diária, e, muitas vezes, em sua sobrevivência. Fornecendo atendimento integral fisioterapêutico, psicológico e odontológico aos pacientes portadores de CA submetidos a tratamento quimioterápico e radioterápico, foi possível conferir aos beneficiados maior agilidade em sua estabilização clínica, visto que foi criado um sistema de admissão dessas pessoas, sem que as mesmas tivessem que entrar em fila de espera, seja na Clínica FísioUnisc, na Clínica de Odontologia, no Sistema Integrado de Saúde (SIS) ou no Gabinete de Assistência Jurídica (GAJ).

¹ Doutora em Ciências Médicas pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS. Atua como docente no Curso de Fisioterapia da Unisc.



A qualidade de vida dos pacientes oncológicos é diminuída pelos sintomas desenvolvidos com os tratamentos radioterápico e quimioterápico, bem como pelas características da doença em si, que afetam os aspectos físicos, psicológicos e cognitivos, sendo assim importante uma abordagem interdisciplinar em sua atenção.

As ações do projeto *Reabilitação de Pacientes Oncológicos* se basearam em Mota e Pimenta (2002) que citam que “[...] o tratamento do paciente com CA deve ser multidisciplinar e interdisciplinar, envolvendo a educação do paciente, tratamento farmacológico, fisioterapêutico, nutricional, de profissionais da educação física bem como atendimento psicológico que possibilitem a inclusão de atividades físicas seriadas com períodos de lazer e descanso” (MOTA; PIMENTA, 2002).

A interdisciplinaridade é tida como “[...] o princípio da máxima exploração das potencialidades de cada ciência, da compreensão e exploração de seus limites, sendo, acima de tudo, o princípio da diversidade e da criatividade” (ETGES, 1993). No projeto *Reabilitação de Pacientes Oncológicos*, as ações interdisciplinares se fizeram presentes através de reuniões e trocas de vivências entre acadêmicos bolsistas e professores dos diferentes cursos integrados ao projeto. As reuniões possibilitavam praticar o sentido da construção interdisciplinar, fazendo com que fossem discutidos e compreendidos os conteúdos e habilidades específicas de cada uma das profissões envolvidas. Segundo Fazenda (1991), a interdisciplinaridade “[...] é considerada como uma relação de reciprocidade, de mutualidade, ou sem regime de copropriedade, de interação, que irá possibilitar o diálogo entre os interessados”.

Em nosso projeto, esses elementos estavam presentes de modo a incluir possibilidades de discussão dos conceitos e das práxis utilizadas nas abordagens aos pacientes, a fim de serem mediadas pela realidade que se apresentava através dos atendimentos aos usuários.

A Unisc tem como um dos seus principais objetivos a formação universitária e seu perfil comunitário, interage em sua área de abrangência de modo que professores e alunos experienciem vários processos de ensino/aprendizagem intermediados pelas relações sociais atreladas ao município e à região, seja através de projetos, programas ou serviços que podem ser desfrutados pela população. Tal característica possibilita a democratização do acesso aos direitos sociais em diferentes espaços em que a universidade se insere.

Os avanços tecnológicos dos procedimentos na Área da Saúde e a utilização dos mesmos na Oncologia diminuíram a mortalidade e aumentaram a sobrevivência dos pacientes. Portanto, torna-se de fundamental importância que os profissionais de saúde estejam atentos às doenças de maior prevalência e incidência na região dos Vales do Rio Pardo e Taquari, de modo a implementarem ações que produzam mudanças no meio social que os envolve.



Referências

ETGES, N.J. Produção do conhecimento e interdisciplinaridade. *Revista Educação e Realidade*, Ed. Universidade, v. 18, n, 2, p. 73-82, 1993.

FAZENDA, I.C.A. *Interdisciplinaridade: um projeto de parceria*. São Paulo: Loyola, 1991, 119p., V. 13 Coleção Educar.

MOTA, D.C; PIMENTA, C.A. Fadiga em pacientes com câncer avançado: conceito, avaliação e intervenção. *Revista Brasileira de Cancerologia*, v. 48, n. 4, p. 577-83, 2002.

NERY, L.E; FERNANDES, A.L.G; PERFEITO, J.A.J. *Guias de medicina ambulatorial e hospitalar: guia de pneumologia*. São Paulo: Manole, 2006.



DA ROÇA PARA OS PALCOS

Martha Helena Segatto Pereira¹

Ursula Muller²

Flávio Antonio de Azeredo³

Era uma vez um menino, o quarto entre outros seis filhos de um casal que morava na roça, fazendo que desde muito cedo todos aprendessem as lidas campeiras, como tirar leite, capinar, lavrar. Nascidos e criados em casa, com remédios caseiros, indo consultar médicos depois de adultos, a mãe tratava a todos com homeopatia e todo o alimento provinha de casa. Na antiga Escola Rural Bello Faustino dos Santos, Fortaleza, distrito do município de Montenegro, RS, aos 10 anos, integrou o grupo de danças, incentivado pela professora Nair Wallig Muller. Antes disso, ia para a escola com os pés descalços e nas festas de igreja (raras) e jogos de futebol (raros), com chinelos de dedo. O menino vivia de mangas curtas, mesmo no inverno, e tinha as solas dos pés tão grossas, que os espinhos não penetravam, vindo a calçar o primeiro sapato na comunhão, aos 12 anos de idade. Seu passatempo era fazer casinhas para os seus bichos, pois, para além dos domésticos, também tinha graxains, gaviões, garças, lebres, perdizes e preás.

No ano de 1977, aos 14 anos, ficou feliz porque a luz elétrica chegou até a sua casa. Aos 19 anos, com o 5º ano do Ensino Fundamental, decidiu sair em busca dos seus sonhos. Os caminhos da vida o levaram por outras veredas, mas a paixão pela arte da dança continuava latente em seu coração. Aos 23 anos, pôde retornar à dança, através das Danças Tradicionais do Rio Grande do Sul, pelo CTG Estância, da cidade de Montenegro, no Rio Grande do Sul. Ali ganhou prestígio e foi Peão Farroupilha do Estância, depois foi da região, fez curso de *posteiro* que, na prática atual, dentro da transposição simbólica do interior para a cidade, é um peão de CTG que trabalha na entidade, zelando pela sua conservação, de seus bens móveis,

¹ Docente do Departamento de Educação Física e Saúde da Unisc. Atua nos seguintes projetos extensionistas: “Atenção à Criança e ao Adolescente” (ACA), como coordenadora das atividades de recreação terapêutica nos Hospitais Santa Cruz e São Sebastião Mártir (Venâncio Aires); e “Programa Dançar” (PDU), como coordenadora das atividades.

² Docente do Departamento de Educação Física e Saúde da Unisc. Atua nos seguintes projetos extensionistas: “Programa Dançar” (PDU), como coordenadora; “Projeto Semear Amigos”, como integrante; e no evento “Festival Integrado Unisc”, em Santa Cruz do Sul e Montenegro.

³ Mestre em Performance Artística – Dança pela Faculdade de Motricidade Humana da Universidade Técnica de Lisboa. Proprietário da Dança & Cia Flávio D’Azeredo há dez anos. Atuou como docente das disciplinas de Aprofundamento em Dança, Dança e Expressão Corporal e Ritmo na Unisc (2007-2008). Atuou como dançarino para o Governo dos Açores (Portugal) (2007, 2008 e 2010).



utensílios, não permitindo a invasão de pessoas dispostas à prática de atividades alheias aos interesses maiores do Centro de Tradições Gaúchas e ali foi orientador de danças gaúchas.

Como autodidata, dedicou-se aos estudos das danças tradicionais e étnicas dos povoadores e imigrantes, vindo a criar um grupo de danças açorianas e tradicionais estilizadas. Daí buscou aprofundar seus conhecimentos através de cursos. Foi na cidade de Curitiba que encontrou uma estudante que lhe falou que na Universidade de Santa Cruz do Sul havia o curso de Educação Física em regime de férias, uma grande oportunidade para conciliar seu trabalho com os estudos. Nessa época, era bancário, profissão que exerceu de 1985 a 1989. Cansado da rotina da cidade e com saudade da vida no campo, retornou à sua casa para criar vacas de leite. E, para retomar seu amor pela dança, resolveu reunir um grupo de filhos de agricultores para ensaiar danças de fandango e tradicionais gaúchas, à noite. Esse grupo foi chamado de Herança. Foi em 1997, aos 34 anos, que realizou o grande sonho: ingressou como acadêmico do curso de Educação Física da Unisc, regime de férias.

Até aqui seria mais uma história de vida com um final feliz, mas outra grande história começa agora. Naquele mesmo ano, na disciplina de Ginástica Básica, conheceu a professora Ursula Müller, momento em que propôs a troca de conhecimentos: ele com a dança e a professora com a ginástica. A partir desse momento, surgiu a parceria entre ambos: uma apresentação com boleadeiras de fogo, misturando sapateado e ginástica com ritmo espanhol (*La Cadência del Fuego*) e em 1999 apresentaram um projeto de estudos sobre as Danças Açorianas e Tradicionais do Rio Grande do Sul durante a Convenção do Imaginário e das Representações Sociais, na Universidade Gama Filho, no Rio de Janeiro. Nesse tempo, já era bolsista de extensão do Programa Dançar, trabalhando com o grupo Dançar na Terceira Idade. Em 2002, esse projeto se tornou trabalho de conclusão de curso e foi publicado pela Edunisc com o título *Herança Açoriana nas Danças Tradicionais do RS*.

A média de conclusão do curso - 8,99 - foi importante para a seleção de mestrado na Universidade Técnica de Lisboa, Portugal, em 2005. Para custeio das despesas em Portugal, tinha dois trabalhos: um em Minde, Fátima (cerca de uma hora e meia de ônibus), e outro nos Açores, Ilha do Faial (cerca de duas horas e meia de avião), onde ministrava aulas intensivas de dança de salão. Paralelamente praticava dança de salão na escola *Alunos de Apolo* em Lisboa, vindo a concluir o mestrado no ano de 2010. O menino da roça virou mestre.

Esse texto conta a história do menino, hoje o professor e dançarino Flávio Antonio de Azeredo, e também a história do nascimento do Programa Dançar Unisc (PDU), já que o menino da história e a professora Ursula Müller foram os pais do PDU. Há 15 anos, eles convidaram um grupo de estudantes que gostavam de dançar e começaram a ensaiar aos sábados, sendo que Flávio e mais três dançarinos do Herança iam para Santa Cruz do Sul participar dos ensaios na Unisc e montaram a



Dança do Frevo. A beleza da coreografia, aliada ao desempenho dos dançarinos, eram os ingredientes necessários para levar o público a pedir que apresentassem outras. Mas eles nunca atendiam aos pedidos, pois era a única que o grupo tinha!

“O Programa Dançar Unisc foi um grande motivador na minha carreira de professor e dançarino, pois enquanto bolsista tive a oportunidade de elaborar projetos e realizar estudos científicos com a dança. A partir desses estudos, publiquei pela Edunisc a produção mais importante do meu currículo até o momento. E pela credibilidade da Unisc, ganhei bolsa para pesquisar e estudar em Portugal”, comenta Flávio Azeredo, proprietário da Dança & Cia Flávio D’Azeredo, fundada em 27 de setembro de 2003, e continua com o Grupo Herança, que já tem 24 anos.

Até hoje o ex-bolsista é colaborador do Festival Integrado da Unisc (FIU) de Santa Cruz do Sul, uma das atividades do PDU, que em 2013 realiza sua 13ª edição e do FIU de Montenegro, que está na sua 2ª edição.

E, assim, todos seguem felizes para sempre... o PDU, a Unisc e as pessoas que compartilharam seus sonhos e os realizaram.



PROJETO SORRISO ESPECIAL

Gabriele Cristine do Nascimento¹

Roberta Tolotti²

O dia a dia de pacientes especiais e seus cuidadores não é fácil, pois suas necessidades estão em constante transformação. Em meio ao preconceito e à indiferença, as pessoas acabam se afastando e isso repercute diretamente em sua vida, uma vez que necessitam de ajuda para viver com melhor qualidade. Muitos deles não têm controle sobre o corpo e ficam assustados com os barulhos e ruídos do ambiente odontológico. Eles não entendem que certos procedimentos são necessários para lhes proporcionar maior conforto.

Para lidar com essas dificuldades, os profissionais da saúde devem ter uma abordagem diferente, tentar conquistar a confiança, ter dedicação ao máximo, e estabelecer uma relação de carinho, cuidado e respeito com aqueles que necessitam tanto desse diferencial.

Para quem não se envolve com pacientes especiais, fica difícil entender a relação que pode ser construída e quantas lições podem ser aprendidas com eles. Eles não têm vergonha, são espontâneos, sorridentes e podem te cumprimentar cem vezes em uma mesma manhã com a mesma alegria. E mesmo aqueles que não falam, se comunicam somente através do olhar. E o mais inacreditável: é possível entender e decifrar cada pensamento, em meio a tanto silêncio.

Atendemos diferentes pacientes no Projeto Sorriso Especial e passamos a conhecer sua personalidade e seus limites. Ficamos semanas num relacionamento de olhares e conversas mudas e devagar, mansamente, confiança estabelecida, iniciamos a limpeza e o tratamento. Isso demonstra que, apesar das limitações, bloqueios, paralisias, as necessidades e os tratamentos precisam ser aplicados. Certamente com uma dose extra de atenção, cuidado e amor.

No meio de tantas barreiras para alcançar uma vida melhor, verdadeiras lições de vida e solidariedade nos encantam! Exclusões não são permitidas para termos

¹ Estudante do 10º semestre do Curso de Odontologia da Unisc. Atuou como voluntária pelo PROVEX no projeto de extensão “Sorriso Especial: atendimento odontológico a pacientes com necessidades especiais”.

² Estudante do 10º semestre do Curso de Odontologia da Uisc. Atuou como voluntária pelo PROVEX no projeto de extensão “Sorriso Especial: atendimento odontológico a pacientes com necessidades especiais”.



um sorriso especial, amoroso, um sorriso inteiro. Sabemos das dificuldades, dos preconceitos, da hipocrisia de nossa sociedade. Porém, sabemos que há espaço, que há profissionais e que há pessoas com atitudes e ações diferentes, ações que fazem total diferença na vida dessas pessoas especiais! Sorrisos especiais são assim, especiais na essência da palavra!



UM SORRISO FAZ A DIFERENÇA

George Valdemar Mundstock¹

Vinicius de Aguiar Viera²

Era uma paciente muito peculiar. De conversa escassa e sorriso nitidamente fechado, buscava atendimento na clínica do Curso de Odontologia da Universidade de Santa Cruz do Sul para sanar a dor de dente que a incomodava. Já no primeiro contato, na triagem de pacientes, nossos colegas assustaram-se com a deficiência de higienização dental e com o aspecto estético dos dentes. Dentes fraturados, vestimenta muito simples e nariz sujo, claramente este não era o tipo de paciente habitual e precisava urgentemente de ajuda.

Após este primeiro contato e avaliação, ela foi encaminhada para o projeto do qual participamos, denominado “*Reabilitando Sorrisos, em busca de uma melhor qualidade de vida da população*”. Neste projeto, buscamos dar prioridade ao atendimento a pessoas com necessidades estéticas e cosméticas, além de tratamento endodôntico a pacientes carentes, que sofrem de baixa autoestima, cujos dentes estão em ampla destruição. Como o projeto objetiva reinserir esses pacientes na sociedade que, cada vez mais, impõe altos padrões de beleza, projeto e caso encaixaram-se perfeitamente. A paciente foi encaminhada e tratada, pois apresentava fratura no incisivo central superior, necessitando de tratamento de canal em diversos dentes, assim como havia manchas escurecidas em quase todos os dentes anterossuperiores, cáries enormes, problemas gengivais e de oclusão dentária.

Na primeira abordagem, a surpresa foi enorme, pois nunca havíamos atendido a um paciente com tantas necessidades de auxílio, o hálito desagradável dava conta de alguém que não fazia a higiene oral há muito tempo. As condições de saúde bucal eram lamentáveis, e tínhamos a nítida impressão de que se tratava de pessoa sem acesso às condições mínimas de higiene, gente muito simples, de procedência humilde, paupérrima, mas de olhar manso, agradável e amável.

Com o andar arqueado e lento, podíamos perceber seus pés descobertos e sujos de terra. Quando questionada sobre sua idade, em poucas palavras e com grande

¹ Especialista e Mestre em Dentística Restauradora pela Unisc. Professor da disciplina de Dentística Restauradora do Curso de Odontologia da Unisc. Responsável em estética dos dentes anteriores e coordenador do projeto de extensão “Reabilitando Sorrisos em Busca de uma Melhor Qualidade de Vida da População”.

² Acadêmico do 10º semestre do Curso de Odontologia da Unisc. Atua como voluntário pelo PROVEX no projeto de extensão “Reabilitando Sorrisos em Busca de uma Melhor Qualidade de Vida da População”.



timidez, disse ter completado 23 anos. Contou-nos, ainda, nunca ter procurado um dentista, pois morava em zona rural e tinha de percorrer um longo caminho para receber auxílio.

Logo na primeira consulta, moldamos as arcadas dentárias com o objetivo de estudar o caso em modelos de gesso. Um plano de tratamento foi elaborado a fim de reabilitar a saúde bucal, com orientação educacional de higienização. Assim, demos início às sessões de limpeza, objetivando sanar a doença gengival e os sangramentos.

Muitas foram as horas e dias que passamos com esses procedimentos, ensinando e incentivando a higiene, mas, mesmo com os atendimentos semanais, percebíamos que as respostas, por parte da paciente, demoravam muito a aparecer. Resolvemos questioná-la sobre o motivo que a levava a não fazer a escovação. Foi então que, mais uma vez, ela nos comoveu: não tinha condições de comprar nem mesmo a escova e a pasta de dentes. Providenciamos, então, imediatamente, um “kit” completo, com material de higiene fornecido pelo curso de Odontologia. E foi a partir daí que começamos a perceber os resultados, a cada semana a higiene melhorava e sua autoestima também.

Em suas primeiras consultas, mostrou-se bastante introspectiva, porém, com o tempo, passou a soltar-se e arriscar algumas frases. A equipe, sempre falante, buscava estimulá-la. Explicamos os motivos do tratamento e passamos a notar a paciente mais ativa e dona de si. Após a primeira reconstrução de seu “dente da frente”, que estava fraturado, a paciente foi vista por nosso professor-orientador. Este, que estava saindo de seu expediente, voltou eufórico para nos contar a felicidade da menina e de seus familiares quando viram o primeiro resultado. Começava, então, a confirmação das palavras deste mesmo professor, que dizia que poderíamos ampliar a qualidade de vida da paciente e reinseri-la na sociedade.

Os atendimentos foram passando e em cada um deles tivemos novas surpresas. Sua higiene pessoal e oral evoluiu muito e, aos poucos, ela passou a interagir com os alunos e professores do projeto, contando relatos do que acontecia no seu cotidiano. Em uma destas conversas, perguntamos se havia assistido ao jogo no dia anterior e ela respondeu negativamente, pois não havia televisão em sua residência e que todos escutavam o jogo pelo rádio. Mais uma vez nos chocamos com a sua resposta, aquela não condizia com a nossa realidade e percebemos o quanto a moça simples, analfabeta, ensinava à nossa turma de universitários sobre a vida. Outros relatos foram feitos durante as consultas, como quando ela não estava bem, pois havia tomado um choque pulando uma cerca elétrica ou que havia fugido de um lobo guará no meio do mato, junto com seu irmão. Aos poucos, ela ia voltando a ter um convívio social melhor, notamos que chegava com um sorriso no rosto para os atendimentos e que estava perdendo a vergonha que sentia de seus dentes.



Após a maioria dos procedimentos prontos, incluindo facetas estéticas envolvendo todos os seus dentes pré-molares, caninos e incisivos superiores, pedimos para nos contar se havia acontecido alguma mudança na sua rotina diária, na sua qualidade de vida e seu convívio social. Foi então que ouvimos a sua comovente resposta: - “Melhorou bastante. Antes ninguém gostava de mim. Nenhum garoto gostava de mim e agora já tem três que gostam de mim”! Meses depois, em um atendimento, ela chegou com um sorriso enorme estampado e relatou que estava namorando um rapaz que a achava bonita e adorava o seu sorriso.

Nem todos os procedimentos deste caso foram finalizados, mas o objetivo do projeto está sendo atingido. Nosso sentimento é de dever cumprido, por devolver a mais uma pessoa saúde, estética oral, qualidade de vida, dignidade e convívio social, causando um grande impacto em sua vida e na de todos nós.

Foto inicial



Foto do caso em andamento



PEQUENAS ATITUDES FAZEM A DIFERENÇA

Jairo Breunig¹

É fato que no Brasil se trabalha mais e se planeja bem menos do que deveríamos. Assim também se fala mais sobre o que deveria ser feito do que realmente fazemos. Além disso, ainda usamos o artifício de colocar a culpa de todos os problemas em qualquer governo. Não querendo, de forma alguma, eximir o governo de suas responsabilidades, mas é necessário deixar claro que é importantíssimo que cada um contribua com o que for possível para melhorar a sociedade em que vive. É de consciência comum que, se cada um fizer a sua parte, certamente teremos um mundo melhor. Foi pensando nisso e baseado no fato de que há uma dificuldade enorme de os jovens em situação de vulnerabilidade social conseguirem inserir-se no mercado de trabalho e obterem, desta forma, uma renda merecida e alcançada de forma lícita, que resolvi elaborar um projeto intitulado “Qualificação de jovens em situação de vulnerabilidade social para inserção no mercado de trabalho” e submetê-lo à aprovação no Edital de Horas da Pró-Reitoria de Extensão e Relações Comunitárias da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc).

O projeto tem por objetivo principal o desenvolvimento social, por meio da capacitação de jovens em situação de vulnerabilidade social de bairros atendidos pelo Núcleo de Ação Comunitária (NAC) para inserção no mercado de trabalho, gerando oportunidades de emprego e renda e desenvolvendo o espírito empreendedor. Em razão de a Capacitação para o Trabalho e Geração de Renda estar vinculado ao NAC, por meio do PAC-SOCIAL², por estar adequado às exigências do Programa de Apoio a Projetos de Extensão para o Desenvolvimento Social (PAPEDS), foi contemplado com a verba necessária para o desenvolvimento do material utilizado durante os cursos realizados pelo projeto, bem como para o trabalho de uma bolsista. Prevê a aplicação de um curso de qualificação profissional em vendas para duas turmas, com 96 horas de treinamento e 16 horas de estágio, totalizando 112 horas de qualificação profissional para os participantes de cada um dos cursos. Após a aprovação do projeto, em abril de 2012, iniciou-se a elaboração do material didático e o processo de seleção de bolsista. Enquanto isso, apresentou-se a proposta para a Escola Municipal de Ensino Fundamental Dr. Guilherme A. O. Hildebrand, situada

¹ Mestre em Administração e Negócios, com ênfase em Estratégia Empresarial, MBA em Marketing, Pós-Graduado e Bacharelado em Administração de Empresas. Professor, Administrador e Corretor de Imóveis, com atuação em cursos de Graduação, Pós-Graduação e Extensão da Unisc. E-mail: jbreunig@unisc.br.

² Projeto “Assessoria e Desenvolvimento do Programa de Atendimento Habitacional Pró-Moradia – PAC: eixo de mobilização e organização comunitária”.



no bairro Progresso, e cuja diretoria permitiu o desenvolvimento do projeto em suas dependências, providenciando a inscrição de alunos interessados em realizar o curso. Foram realizados contatos com a comunidade, buscando parcerias com escolas e identificando público-alvo para a realização do projeto. Paralelamente foram visitados empresas e órgãos de recrutamento e seleção para viabilizar os estágios e auxiliar na inclusão dos alunos no mercado de trabalho.

No mês de junho de 2012, foi iniciado o curso, mas, em razão de ser uma escola de ensino fundamental, os alunos tinham idade menor que o previsto e apresentavam imaturidade e falta de comprometimento. Era visível a carência que tinham de afetividade, todavia a amizade e o companheirismo entre eles era um ponto forte, um sempre buscando ajudar o outro no que podia, repartindo seu lanche ou emprestando seu material. Em razão disso, a metodologia e o plano das aulas tiveram que ser revistos. Foi necessário identificar uma forma que possibilitasse a atenção, interesse, comprometimento e participação dos alunos. Para tanto, inicialmente eles foram levados a refletir sobre os motivos que os levaram a se inscrever no curso, o que esperavam, como poderiam contribuir para o curso e para o seu sucesso pessoal e escrever sobre essas questões. Foram trabalhadas questões comportamentais, de disciplina, pontualidade, interesse, organização e comprometimento, bem como utilizados vídeos sobre responsabilidade, ética, motivação e sucesso, entre outros, fazendo com que escrevessem sobre o que aprenderam com a mensagem do filme, de modo que refletissem sobre seus comportamentos e possibilidades de mudanças. No decorrer do curso, foram utilizadas estratégias diferenciadas de ensino e treinamento, de acordo com a atividade ou necessidade. Foram realizadas aulas expositivas e dialogadas, com utilização de quadro e slides, apresentações de vídeos, dramatizações de processos de venda, filmagem de dramatizações e posterior autoanálise de desempenho, exercícios e, nos intervalos, atividades esportivas para descontração e integração dos alunos com o professor e a bolsista. Os resultados atingidos foram satisfatórios, visto que houve impacto social positivo, perceptível no decorrer do projeto pela mudança de comportamento dos alunos, pelos sinais de amadurecimento e comprometimento, com aumento de responsabilidade, educação e melhoria da participação em aula e da convivência no grupo. O fato de perceberem que havia outras pessoas em quem podiam confiar e compartilhar seus problemas, muitas vezes querendo sugestões ou algum tipo de apoio, principalmente quando confidenciavam seus problemas familiares, também impactou positivamente na mudança de comportamento. Além da preparação para o mercado de trabalho, os alunos também tiveram a oportunidade de praticar atividades empreendedoras e perceber que pode haver geração de renda, de forma lícita, mesmo sem a possibilidade de ter um emprego formal. À medida que o final do curso se aproximava, os jovens mostravam-se ansiosos por uma oportunidade de trabalho.



Um ponto importante para conseguir a colaboração dos alunos foi integrar-se ao grupo por meio de brincadeiras e atividades esportivas, como futebol e vôlei. À medida que a disponibilidade e o tempo gasto com essas atividades iam sendo negociados, havia como contrapartida a necessidade de atenção e participação no curso. Ao tempo em que o conteúdo do curso era transmitido, foram realizadas dramatizações de processos de vendas e pesquisas na comunidade, aproximando a teoria do curso com a prática. Como a quase totalidade dos alunos da primeira turma tinha idade abaixo da mínima para o mercado de trabalho, foi incluído um conteúdo não previsto originalmente, que é o empreendedorismo, visto que atividades empreendedoras poderiam gerar oportunidades de renda, sem a necessidade de um emprego. Para desenvolver a capacidade empreendedora, foi elaborado um instrumento de pesquisa, aplicado por eles no bairro, buscando identificar produtos que poderiam ser consumidos pelo público e seus respectivos preços. Após a aplicação da pesquisa, foi realizada a sua análise, que demonstrou quais produtos e preços seriam aceitos pelos clientes potenciais. Os produtos principais foram pastéis e nega maluca, com preços aceitáveis em torno de R\$ 1,50. Definidos os produtos, foram calculados os custos de produção, a margem de lucro possível e os preços de venda que poderiam ser praticados. Verificada a possibilidade de obter lucro com a atividade, os alunos foram incentivados a pôr o plano de negócios em ação. Em oportunidades distintas, formaram equipes de trabalho, fizeram os produtos e realizaram as vendas na comunidade. Após esta atividade, os próprios alunos manifestaram a vontade de usar o dinheiro conseguido como lucro do negócio para a formatura do curso. Interessante ressaltar que nesta atividade começou a haver participação de familiares. Após a etapa do curso, os alunos foram encaminhados ao estágio e, pelos seus relatos, pôde-se perceber a importância do mesmo, pois todos gostaram muito da experiência e se sentiram mais próximos da prática de vendas, chegando ao ponto de lamentar quando o período do estágio chegou ao final. Vale observar que a avaliação, por parte da gerência da loja, do comportamento e desempenho dos alunos durante o período de estágio foi positiva.

Encerrada a primeira turma, buscaram-se parcerias para iniciar a segunda, o que demorou um pouco, pois foi necessário negociar com escolas, comunidades e alunos, além de definir o espaço e as datas para aplicação do projeto. Isso fez com que houvesse um atraso, não possibilitando a formatura das duas turmas previstas dentro de período de abrangência do curso. As aulas da segunda turma, da Escola Estadual de Ensino Médio Alfredo José Kliemann, situada no bairro Bom Jesus, iniciaram em novembro de 2012 e o curso ainda está em andamento. Neste grupo os alunos são do Ensino Médio, com idade e maturidade maiores, aumentando a possibilidade de ingresso no mercado de trabalho. Em razão das férias escolares, ficaram com a tarefa de aplicar pesquisa e desenvolver atividades empreendedoras durante este período, sendo que o reinício das aulas ocorreu em março de 2013. A formatura da primeira turma ocorreu dia 25 de maio de 2013. Ao final do evento, ouvi



a frase emocionante de um pai: “Obrigado por cuidar de nossos filhos”. Isso nos faz ver que valeu a pena e que nossas pequenas atitudes podem fazer a diferença.

O projeto tinha como metas proporcionar formação profissional em vendas para 40 jovens de comunidades carentes no município de Santa Cruz do Sul e inserir 60% dos participantes no mercado de trabalho até dezembro de 2012. Como foi o primeiro projeto com esta formatação, não havia histórico para estabelecer metas ousadas e, concomitantemente, possíveis de serem atingidas. O resultado foi um alcance parcial, pois, apesar de haver mais inscritos do que o previsto, muitos desistiram no decorrer do curso, seja pela falta de interesse, seja pela incompatibilidade de horário com outras atividades. Da primeira turma, de 44 inscritos, todos muito jovens para a proposta do curso, 28 começaram e 8 finalizaram o curso. A segunda turma, com o perfil desejado para o projeto, teve 30 inscritos e 16 participaram ativamente até o encerramento do ano letivo de 2012. Como não foi possível utilizar as dependências da escola durante o período de férias, o curso recomeçou em março com somente duas alunas, pois os demais começaram a trabalhar, fazer outros cursos ou prestar serviço militar obrigatório. O projeto não foi concluído dentro do prazo previsto, em razão de dificuldades iniciais em fazer parcerias com escolas, formar o grupo, ter disponibilidade de salas, de horários e até mesmo de seguranças para abrir a escola nos horários do curso.

O projeto beneficiou jovens em situação de vulnerabilidade social, envolveu seus familiares, as comunidades à sua volta, escolas e empresas. Integrou o Departamento de Ciências Administrativas com as atividades de extensão da Universidade, bem como o meio acadêmico e a comunidade. Além disso, possibilitou uma percepção mais aguçada da comunidade em relação à importância da Unisc como Universidade Comunitária, bem como em relação à sua preocupação com as questões sociais. São também pontos de destaque as parcerias firmadas com as empresas Ecol Materiais de Construção (Redemac), que permitiu que todos os formandos do curso realizado no Bairro Progresso fizessem um estágio de dois dias (16 horas) na empresa, conhecendo e experimentando o trabalho em todos os setores da mesma, e com a Afubra, que inseriu dois jovens no Programa Menor Aprendiz, firmado entre Afubra e Senac, por intermédio do qual iniciaram outro curso de 5 meses; o excelente respaldo do projeto na comunidade (alunos, pais, professores, escolas e empresas); as oportunidades já surgidas, com duas alunas empregadas; o envolvimento das famílias durante o curso; o reflexo positivo do aprendizado no curso para a sala de aula da escola, com melhora no comportamento e no rendimento escolar; a oportunidade de demonstrar com atividades de empreendedorismo que não necessariamente é preciso ter um emprego formal para ganhar dinheiro de forma lícita; o envolvimento dos jovens em atividade saudável e construtiva; a possibilidade de geração de emprego e renda; a melhora da autoestima; o aumento de otimismo em relação às perspectivas de oportunidades profissionais e pessoais, com a possibilidade de continuarem os



estudos e estabelecerem metas positivas para suas vidas e o crescimento do número de empresas interessadas em parcerias, com oportunidade de locais para o estágio e de efetivação dos estagiários.

Por fim, a comunidade foi beneficiada, pois o projeto auxilia na geração de emprego e renda e, conseqüentemente, na redução da criminalidade e no aumento do nível de segurança e satisfação da população local. A importância social do projeto e os resultados obtidos permitiram sua aprovação também para o ano de 2013, quando duas novas turmas de jovens terão oportunidade de fazer um curso de qualificação profissional e, desta forma, mudar suas perspectivas de vida e contribuir para melhorar a comunidade em que estão inseridos.



PROJETO COPAME: INTEGRANDO EXPERIÊNCIAS DE VIDA PARA UMA MELHOR INTERAÇÃO ENTRE AS EQUIPES DA CASA

Miguel Angel Liello¹
Jeson André Theisen²
Luciana Maurin Borges³

Nos dias atuais, a necessidade de atenção e cuidados de que as pessoas necessitam no que tange ao seu bem-estar está muito aflorada, devido ao intenso ritmo que a vida impõe. A individualidade está cada vez mais exacerbada, enquanto que a coletividade fica à margem. Nesse sentido, realizar intervenções reunindo indivíduos em um grande grupo, pode fazer com que esses possam se pensar a partir de um coletivo, constituindo-se enquanto seres de relações, trazendo maiores benefícios para um número ainda maior de pessoas em um mesmo espaço. O presente trabalho visa relatar uma experiência ocorrida num dos encontros de grupo com os funcionários da COPAME, realizada pela equipe do projeto que leva o nome da instituição.

A COPAME – Associação Comunitária Pró-Amparo do Menor – foi fundada em 30 de outubro de 1984, na cidade de Santa Cruz do Sul, sendo uma sociedade civil de direito privado, sem fins lucrativos. A associação nasceu da necessidade de se prover abrigo para menores abandonados ou vítimas de maus tratos visto não existir na época nenhuma organização desse tipo no vale do Rio Pardo. Foi elaborado um plano para viabilizar a existência e continuidade da instituição por um grupo de pessoas da comunidade santa-cruzense, juntamente com o Juizado da Infância e Juventude local.

O Projeto COPAME é um trabalho multidisciplinar, pois conta com mais de uma área do conhecimento, entre elas: Odontologia, Psicologia, Pedagogia, Educação Física e Ciências Contábeis. Conta também com o apoio do Núcleo de Ação Comunitária (NAC) da Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc). Cada área contribui com os seus conhecimentos para este Projeto, que nada mais busca do que

¹ Mestre em Psicologia Clínica pela PUCRS. Docente do Departamento de Psicologia da Unisc. Atua como docente e supervisor de estágios no curso de Psicologia da Unisc. Coordenador do projeto “COPAME”. E-mail: mangel@unisc.br

² Acadêmico do Curso de Psicologia da Unisc. Atua como bolsista do PROBEX no projeto “COPAME”. E-mail: jesontheisen@hotmail.com

³ Acadêmica do Curso de Psicologia da Unisc. Atua como voluntária pelo PROVEX no projeto “COPAME”. E-mail: lucianamborges@ibest.com.br



auxiliar a entidade, instituição filantrópica mantida com doações e comercialização de produtos feitos na padaria que a mesma possui.

A equipe de Psicologia, composta pelo professor orientador Miguel Angel Liello, juntamente com seus bolsistas, presentes no Projeto, busca proporcionar a todos os funcionários da COPAME momentos de reflexão, compreensão e solução de conflitos, suas dúvidas, anseios profissionais, através da conscientização dos sujeitos, tentando também diminuir as segmentações entre todos os que lá trabalham. Para tanto, o grupo proporciona a eles uma atmosfera onde podem ser criativos, onde os indivíduos se sentem recebidos, desafiados ou aceitos, transformando-se em uma pequena comunidade coesa, capaz de desenvolver ao máximo o seu potencial humano (ZINKER, 2007, p. 177). Em resumo, queremos que todo o trabalho desenvolvido com este projeto possa agregar conhecimentos e vivências para atingirmos o objetivo maior e cada ação se converta em uma rede que, estando ligada, possa fazer com que a COPAME esteja bem para desenvolver o seu trabalho da melhor maneira possível, que seria o de prestar um serviço de qualidade às crianças que por ora se encontram no estabelecimento.

Pensando dessa forma, o Projeto COPAME iniciou uma nova fase em suas atividades neste ano de 2013, com um trabalho voltado a integrar ainda mais a equipe da instituição como um todo. Praticamente todos os funcionários participam, não somente os cuidadores, mas também a equipe técnica, os funcionários da padaria e a diretoria, procurando dar uma maior coesão ao grupo que trabalha na instituição. A coordenação dos trabalhos com os funcionários é fundamentada na teoria fenomenológica existencial e busca subsídios principalmente dentro da abordagem Gestáltica. Com essa finalidade, desenvolvemos práticas de integração, em pares, em grupo, exercícios de comunicação interior, exercícios de comunicação com os outros, atividades de grupo, arte, movimento e som.

Durante o segundo encontro, ocorreu uma situação em que um dos objetivos deste trabalho começou a se delinear, ou seja, houve uma maior interação entre todos os participantes. Abaixo relataremos como foi essa experiência.

No início da reunião, a supervisora da COPAME propôs ser discutida no grupo a questão da interação com as crianças abrigadas na hora do pátio. Ela apontou que faltam atividades para serem realizadas com as crianças nesse momento, sugerindo algumas ideias que poderiam ser desenvolvidas e procurou saber a opinião das cuidadoras em relação a isso. Houve um silêncio geral, parecia haver um desconforto com relação à proposta colocada. Somente alguns se manifestaram. Com isso, ficou claro que não era algo que estava sendo figura⁴ para o grupo e que se distanciava do objetivo desse trabalho que é integrar a equipe da instituição.

⁴ Conceito em Gestalt-terapia que significa a necessidade mais importante para um indivíduo ou grupo, organizando o comportamento até que seja satisfeita a necessidade principal, dando lugar a outro fator que surja como prioridade para o indivíduo ou grupo. (D'ACRI; LIMA; ORGLER, 2007, p. 112).



De acordo com Ribeiro (1994, p. 81), o grupo é visto como uma unidade em tratamento e as colocações individuais são vistas como ressonâncias do inconsciente grupal e devem sempre ser devolvidas para o grupo, que é seu melhor intérprete. Foi a partir da proposta de interação lançada pela supervisora que o professor orientador do projeto convidou a realizar uma atividade, sugerindo aos participantes a reunirem-se em duplas aleatórias, de preferência que se conhecessem o menos possível e falar um pouco de si para a colega, e através da inflexão da voz identificar características no outro que antes não percebiam, incitando a interação e relação entre os indivíduos.

Sustentados por um dos modelos de coordenação, onde tudo o que ocorre no grupo é visto como pertencente a esse como um todo (RIBEIRO, 1994, p. 81), decidimos fazer essa intervenção. Assim, o grupo estava dando o primeiro passo para se conhecer melhor, ter uma maior relação entre si, pois as duplas formadas não se restringiam a cuidadores(as) com cuidadores(as), mas também com a equipe técnica da instituição, a diretoria e também aos funcionários da padaria.

Com essa atividade, uma espécie de “magia” instaurou-se sobre o grupo, as duplas interagindo, conversando, rindo, algumas se emocionando com os relatos que iam surgindo na conversa a dois, outras tendo a oportunidade de conhecer aquela pessoa com quem há tanto tempo trabalham, mas que nunca tiveram a oportunidade de se conhecerem melhor. Houve momentos de descontração, de surpresas por descobrirem certas coincidências entre a dupla escolhida. Outras duplas tiveram a oportunidade de desvendar características da personalidade do outro nas situações que foram experimentadas durante a dinâmica. Após esse momento, todos foram falando sobre o que perceberam através dessa influência mútua, o que puderam compreender através da voz do outro.

Pôde-se perceber que o grupo estava começando a “tomar corpo”. Todos tiveram a oportunidade de conhecer características de seus colegas que antes não conheciam, ter contato com pessoas às quais até então não tinham tanto acesso. Ao final da atividade, houve um clima de descontração, de alegria que pairou no ar, percebido em cada um dos rostos que ali se encontravam. Alguns com olhos marejados, outros com olhos esbugalhados, denotando euforia pelo que estava ocorrendo naquele instante. Entendemos que este foi um passo no caminho de conseguir uma maior vinculação para tornar a instituição mais coesa e unida.

Há uma esperança na vida, no ser humano, nos projetos que podem nos conduzir ao desenvolvimento de um mundo melhor e mais amoroso, que certamente está presente em cada um dos que deste projeto participam, professores, bolsistas, profissionais de diversas áreas que conosco colaboram, assim como em toda a equipe que forma este, para nós querido albergue, chamado COPAME.



Referências

D'ACRI, G.; LIMA, P.; ORGLER, S. (Org.). *Dicionário de Gestalt-terapia: "Gestaltês"*. São Paulo: Summus, 2007. 227 p.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. *Gestalt-terapia: o processo grupal: uma abordagem fenomenológica da teoria do campo e holística*. São Paulo: Summus, 1994. 191 p.

ZINKER, Joseph. *Processo criativo em Gestalt-terapia*. São Paulo: Summus, 2007. 304 p.



PROJETO SORRISO MAIS QUE ESPECIAL

Joelza Guidotti Pinto¹

Para ser feliz por completo mesmo, o coração deve estar cheio. Mas, quando digo cheio, não estou falando de dinheiro, de fama ou de qualquer sentimento vazio que o modernismo insiste em impor como verdade.

E foi assim que, por curiosidade, entrei em uma porta repleta de esperanças e sonhos, chamada “Projeto Sorriso Especial” no qual tentamos fazer o melhor possível para resolver os problemas de higiene bucal de pessoas com algum tipo de limitação física ou mental. Pessoas apenas diferentes. Mas, afinal, quem não é diferente? O diferente é o que atrai, já o comum, que Deus me livre dele. Pessoas comuns são tão sem graça, parece comida em que falta tempero, em que falta sal. E digo mais: deficiente é quem não é bom de interior e de caráter e desses tenho pena, não encontram a felicidade nas coisas simples como um olhar. Nós, colaboradores desse projeto de extensão, somos agradecidos por ter a honra de conviver com corações puros e almas transparentes que precisam de nosso singelo auxílio.

E foi então que encontrei um grupo disposto a ajudar pessoas, sem nada em troca. Esse nada é tão grandioso, que a cada dia nos tornamos mais ricos do que qualquer milionário. Além do mais, esse é o verdadeiro tesouro que o projeto nos presenteia a cada dia. Ricos de valores, de espírito e de coração.

No começo, pensei que estava ali para ajudar com uma restauração, uma endodontia ou profilaxia. Mas percebi que não. Eles me ajudam muito mais do que eu a eles. Cada história que cruza com a minha me mostra que a troca é mútua. E me atrevo a dizer que o meu favor é muito pequeno perto do que eu recebo de cada criança que entra feliz, de cada criança que tem uma evolução de tratamento. Elas me ensinam a ser mais forte.

Falando em força, me lembrei da Joana e de sua mãe. Perambularam de dentista em dentista, de cidade em cidade, sem sucesso. Até que pelo destino chegaram a nossas mãos. A mãe é um exemplo de força, e a criança, cativante e esperta. Por onde a pequena passa, arranca boas risadas com seu modo de expressão cheio de gírias modernas. Houve um dia, no final de um tratamento, em que ela virou para

¹ Estudante do 10º semestre do Curso de Odontologia da Unisc. Atua como bolsista do Programa de Apoio a Projetos de Extensão para o Desenvolvimento Social - PAPEDS no projeto de extensão “Sorriso Especial: atendimento odontológico a pacientes com necessidades especiais”.



minha colega e para mim dizendo que tinha orgulho de nós. Confesso que me deu um nó na garganta e ficamos sem reação. Admito, ela melhora meus dias.

Outra vez, passou pela porta da clínica o Robson, um menino assustado, agarrado em sua mãe, olhava tudo, desconfiado. Escondeu-se para não olharmos seus dentes. E quando sentou na cadeira foi aquele choro. Fiquei o resto do dia escutando seus gritos em minha cabeça e pensando para mim mesma que todo tratamento seria assim, com a mesma dificuldade. No próximo dia do seu atendimento, não acreditei no que vi. A minha colega entrando com ele pela clínica. Ele sozinho, sem se agarrar em ninguém, com o peito estufado, sem medo nenhum. A coragem estava estampada naquela cena. Quando cheguei à recepção da clínica, perguntei para sua mãe o que tinha acontecido, e ela eufórica me disse que ele queria entrar sozinho, não permitindo ela entrar junto. A mãe estava numa felicidade e num orgulho só. E não tinha como ser diferente. Mais uma vez, fiquei sem palavras. Senti como se o menino tivesse me pregado uma peça. Ele se superou e superou o pensamento que eu havia pré-estabelecido sobre ele. É por essas atitudes que saliento que quem mais ganha com tudo, no final das contas, somos nós, participantes do projeto.

Para muitas pessoas, isso não é nada. Só que para este grupo de acadêmicos e professores, isso é o tudo. Se o nada é se superar a cada dia, é querer o bem de quem precisa muitas vezes apenas ser visto com admiração e respeito (e quando ninguém acreditar em nós, chegarmos seguros e orgulhosos de quem somos, como fez o Robson); se é mudar conceitos e aprender a falar o que sentimos para pessoas de quem gostamos, a falarmos com sinceridade e com o coração, como a Joana; e saber que estamos melhorando a saúde de cada paciente e de cada família que batalha pelo melhor para aqueles que amam, quem me dera ter em minha vida sempre esse tipo nada. E esse nada é o que transborda os nossos corações. É uma grande lição de vida acima de tudo. E não há dinheiro que pague.

O que realmente importa é invisível aos olhos de pessoas comuns, é sem valor. Só que nós estamos ricos!



O VALOR DE UM SORRISO

*Luiza Griguc Luz¹
Rafael Trevizan Mistura²*

No mundo em que habitamos, existem seres humanos não diferentes, porém levam outra forma de vida, na qual necessitam de um apoio ainda maior da parte dos que os envolvem. Falamos de pessoas especiais, especiais no jeito de ser, agir, pensar, sentir e mostrar que ocupam o mesmo espaço que qualquer outro ser deste mundo.

No curso de Odontologia da Universidade de Santa Cruz do Sul, participamos do projeto “Sorriso Especial”, que pelo seu próprio nome deixa claro que o seu objetivo e o das pessoas que dele participam é levar um pouco de alegria e saúde para essas pessoas e suas famílias. O maior orgulho é ver um sorriso sincero no rosto de alguém que nos prova ser bem mais que especial.

Quando escolhemos algo na vida, há um motivo para isso, não é por acaso, nos propomos uma missão. Na verdade, nos colocamos à disposição de ajudar, doando-nos de corpo e alma a esta causa. É algo divino!

Toda sexta-feira acordamos com um objetivo: ajudar! E é uma imensa satisfação. O tratamento se diferencia dos demais pelas dificuldades que enfrentamos, mas nem por isso desistimos. É necessário ter calma, paciência, cooperação e disposição, para que no final de cada atendimento aquele sorriso tão esperado encha nosso coração de emoção e nos dê ainda mais certeza de que valeu a pena estar ali, rodeadas de sentimentos verdadeiros.

Cada fim de atendimento, vendo o trabalho feito com excelência, sentindo a satisfação do paciente e percebendo a superação das duas partes, alegra nosso dia. Não há palavras para explicar nosso sentimento. Alguns pacientes não têm a capacidade de se comunicar verbalmente, mas olhando em seus olhos percebemos o que se passa em suas mentes. Defino: percepção do amor que só percebe quem realmente conhece.

Os responsáveis por essas pessoas estão sempre incansavelmente ao seu lado. Ajudam em todas as suas atividades, a todo o momento, são verdadeiros guerreiros.

¹ Estudante do 10º semestre do Curso de Odontologia da Unisc. Atua como bolsista do PAPEDS no projeto de extensão “Sorriso Especial: atendimento odontológico a pacientes com necessidades especiais”.

² Estudante do 6º semestre do Curso de Odontologia da Unisc.



A participação no projeto nos ensina a observar a vida com outros olhos e nos dá um novo sentido para ela, refletindo sobre nossas ações diariamente, para que possamos compreender assim o mundo em que vivemos.

Lembramos quando o paciente Maicom entrou para o seu primeiro atendimento, agarrado na mãe, desconfiado, com medo, sem que nos deixasse ao menos examiná-lo. Estava tenso e ao mesmo tempo com uma curiosidade imensa de saber o que era aquilo, onde ele estava, o que iria fazer ali. Aos poucos, com todas as formas de manejo dos nossos excelentes professores e participantes do projeto, o convencemos a ir a cada box e mostrar o que estava acontecendo, mostrando o procedimento que estava sendo feito em outros pacientes, inclusive em seu irmão. Nesse dia, não conseguimos atendê-lo, mas tínhamos esperança de que em um outro momento ele percebesse que naquele ambiente acontecia uma coisa boa, e não necessitava ter medo e desconfiança. Para nossa felicidade, um novo encontro com o Maicom aconteceu e quando abrimos a porta da recepção para chamá-lo, a mãe dele disse: “Ele quer ir sozinho, vou ficar aqui esperando”. Confessamos que nosso coração disparou, o abraçamos e entramos para a sala. Ficamos até sem reação nesse momento porque jamais esperávamos que aquela criança do primeiro atendimento chegasse se mostrando tão feliz e confiante. Nesse dia, o atendimento foi excelente, maravilhoso, gratificante e, claro, nos emocionou e nos motivou ainda mais e nos encheu de orgulho. É incrível poder sentir que a cada sexta-feira existe uma nova superação!

O Luís é nosso paciente também, e esse é só alegria! Sempre que o chamamos na recepção, ele entra sorrindo e cumprimentando todos que estão à sua volta. Ele não fala, porém compreende tudo que falamos e sua forma de resposta é o sorriso, o qual quase sempre está estampado em seu rosto. Logo que chega, percebemos que ele treme muito, como se estivesse com frio, mas a sua avó, a qual o cria e acompanha em cada atendimento, revela que aquela é a forma de ele mostrar que está nervoso. Basta conversarmos uns minutos e brincarmos com ele que aquele tremor logo passa, como se já se sentisse à vontade e confiante. Ele é simplesmente incrível, se sente feliz em estar naquele ambiente, com aquelas pessoas, é colaborador e tem uma paciência admirável!

Todos os atendimentos até hoje foram muito gratificantes e nos dão ainda mais certeza de que quando o trabalho é feito com dedicação, carinho, vontade e amor, tudo se torna ainda mais gratificante! Muitas outras histórias cruzam nossas vidas a cada semana de projeto e em cada uma delas descobrimos o verdadeiro sentido da vida!



A EXTENSÃO PRODUZIDA NO PET SAÚDE DA FAMÍLIA

Margarida da Silva Mayer¹

O texto do Projeto de Lei das Universidades Comunitárias refere que a relação com a comunidade é via de mão dupla: a universidade não só ensina, mas também aprende, reinventa-se nesse diálogo. Ao ingressar na universidade, o estudante traz consigo sua vivência, que deverá estar presente ao longo de sua formação. Aprender uma profissão é deixar aflorar suas tendências pessoais, é fazer valer sua história de vida, sua cultura e a de sua comunidade, para desenvolver habilidades encontrando o significado de sua profissão para si e para o coletivo a que pertence.

A universidade estrutura-se através do Ensino, da Pesquisa e da Extensão. Nesse tripé, reconhece o trabalho da extensão como aquele que oferta uma dinâmica e um movimento de troca de cenários com diversificação dos atores, deslocando a formação para práticas e desafios pouco enfrentados na vida acadêmica.

Os princípios do Sistema Único de Saúde, como integralidade da atenção e participação da comunidade, são conhecimentos bem definidos pelas diretrizes curriculares, as quais deverão fazer parte do aprendizado nos cursos de graduação da área da saúde. Porém, verifico que somente é possível aprender sobre os princípios do SUS vivenciando o serviço e a comunidade.

O estudante da área da saúde, inserido neste outro cenário, amplia interações para o aprendizado com professores e alunos de outros cursos, com a equipe de saúde do serviço e com a comunidade. A diversidade de espaços e de relações provoca no aluno um alargamento de suas próprias capacidades, possibilitando protagonismo e sentimento de autonomia os quais repercutem em ações de corresponsabilização em seu processo de formação. Ao mesmo tempo, favorece o sentimento de solidariedade e rompimento com o corporativismo profissional, deslocando-se cada vez mais para o estreitamento de laços numa multi-interdisciplinaridade, no reconhecimento do campo da saúde e fortalecimento dos núcleos de saber e fazer das profissões.

Considerando que núcleo e campo são mutantes e se interinfluenciam, não é possível detectarem-se limites precisos entre um e outro. No núcleo, há uma aglutinação de saberes e práticas que podem compor a identidade de uma profissão no amplo contexto, no qual está inserido o trabalho em saúde entendido então como o campo que inclui a comunidade e a equipe (CAMPOS, 2000).

¹ Mestre em Educação pela UFSM. Atua como docente no Curso de Fisioterapia da Unisc.



O ensino, exclusivamente, de conteúdos não valoriza os acontecimentos que se apresentam cheios de significados nos diferentes espaços das universidades (FREIRE, 1996). Por isso, extensão e relações comunitárias, ao escolher ruas, praças, igrejas, centros comunitários, serviços de saúde e casas de famílias como um espaço formador, oferecem condições de transformar e ressignificar a experiência acadêmica.

Tentando recolher, no desenvolver das atividades práticas do Projetos PET-SAÚDE/SAÚDE DA FAMÍLIA, o que provocou mudanças, encontrei nas falas e textos escritos e sobre as atividades os registros de vivências bastante significativas. Verifiquei que, para além de conhecimentos práticos e experiência profissional, alunos e preceptores se movimentavam e se impulsionavam por outras forças, fontes de sentimentos, emoções, etc. e, principalmente, envolvimentos de uns com os outros, algo muito forte e pouco identificado em minhas experiências docentes anteriores. Percebe-se que a experiência prática na comunidade cria um sentimento de coletividade e de solidariedade que faz o estudante acolher o chamado da equipe, de forma que ocorre um processo permanente de identificação entre os diferentes que ali atuam.

O mais interessante, e que foi me provocando a presente discussão, é o sentimento de solidariedade que apareceu gradativamente nos grupos, bem como o desenvolvimento de muitos processos coletivos e diferenciados como a disposição de interagir com a comunidade nos espaços das escolas, creches, igreja, centros comunitários, programação de passeios, festas com os grupos, tecendo redes. A vitalidade como energia para ação, a criatividade por impulsos de inovação, a afetividade estimulando amizades, solidariedade e produzindo um fazer coletivo envolveram os estudantes, a equipe, a comunidade, as crianças, os adolescentes, os professores nas escolas, a associação comunitária, os participantes de oficinas.

A integração do ensino com o serviço se dá na prática da extensão e das relações comunitárias, ao mobilizar o estudante, a equipe e a comunidade em ações coletivas que geram diálogos profundos exigindo uma postura aberta para o mundo implicando troca, partilha (CAVALCANTE, 2005), promovendo ações solidárias, desenvolvendo conhecimentos para um crescer coletivo feito por muitas mãos que vão transformando os espaços da universidade, do serviço e da comunidade.

Referências

CAMPOS, Gastão Wagner de Sousa. Saúde pública e saúde coletiva: campo e núcleo de saberes e práticas. *Ciênc. saúde coletiva [online]*. 2000, v. 5, n. 2, p. 219-230. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232000000200002&lng=pt&nrm=iso&tlng=pt>. Acesso em: 20 jul. 2013.

CAVALCANTE, Ruth. A educação biocêntrica dialogando no círculo de cultura. *Pensamento Biocêntrico [online]*. Pelotas, 2008, n. 10, p. 95-125. Disponível em:



<<http://www.pensamentobiocentrico.com.br/content/edicoes/revista-10-06.pdf>>.
Acesso em: 20 jul. 2013.

FREIRE, P. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.



FOME

Patrícia Maria Konzen Klamt¹

Qual é a sua fome?

A fome mais comum é a fome por comida, que nos faz procurar na geladeira algo que a sacie. Essa é a primeira definição que nos vem à cabeça. A fome de alimento assola grande parte da humanidade. Segundo dados da Organização das Nações Unidas (ONU), aproximadamente 925 milhões de pessoas no mundo não comem o suficiente para serem consideradas saudáveis, o que significa que uma em cada sete pessoas no mundo vai para a cama com fome todas as noites. Mais da metade dos famintos – cerca de 578 milhões de pessoas – vivem na Ásia, e a África responde por mais de um quarto da população com fome do mundo.

A fome traz consigo a desnutrição, a doença, a morte. Ainda segundo a ONU, a fome é o número um na lista dos dez maiores riscos para a saúde; ela mata mais pessoas anualmente do que AIDS, malária e tuberculose juntas. Estamos diante de um desafio: para vencer a morte, é preciso buscar assistência à saúde. Aliás, a “fome” por saúde é uma das mais difíceis de superar, pois a cada dia aumentam os pacientes, em proporção assustadoramente maior que as vagas existentes nos hospitais.

Mas, há outras fomes que assolam a humanidade. Muitos têm fome de conhecimento – e quem a tem, procura saciá-la em livros, revistas científicas, jornais, internet e também no saber popular. Eu, e muitos colegas que estudaram Direito, somos famintos por justiça e sonhamos com um país mais igualitário, onde todos possam saciar sua fome sem tirar o alimento do outro, e caso o façam, que sejam devidamente punidos ou repreendidos por isso. Utopia: um país onde não haja fome.

Há quem tenha fome de realização profissional; estes procuram a universidade, em busca de uma formação e de um diploma – nos dias de hoje, mais portas se abrem para quem tem formação superior do que para os que não têm acesso a esse grau de instrução. Mas a universidade pode saciar outras fomes: a fome de aprender com a vivência, com o “sentir na pele” o quanto o conhecimento pode transformar. Pode saciar a fome dos estudantes, dos docentes, dos técnicos e da comunidade.

Pensando sobre esse conhecer, esse aprender com a vivência, lembro-me muito das minhas professoras do magistério do saudoso Colégio Aparecida, de Venâncio

¹ Possui graduação em Direito e Pós-Graduação em Gestão Empresarial pela Unisc. É assistente administrativa da Pró-Reitoria de Extensão e Relações Comunitárias - PROEXT dessa Universidade. E-mail: patrikon@unisc.br



Aires, que falavam incessantemente da necessidade de fazer um diagnóstico antes de prepararmos as aulas. “Para quem mora no interior, vocês não podem idealizar uma aula baseada no meio urbano, e vice-versa. Vocês têm que falar das coisas que eles conhecem. Como vocês vão alfabetizar se não conhecem o meio em que seus alunos estão inseridos?”. Como não exerci a licenciatura – três meses lecionando não são exatamente uma carreira no magistério –, precisei de dez anos para comprovar pessoalmente essa orientação.

Há pessoas, como eu, que têm uma visão, ou versão, errada das comunidades santa-cruzenses. Ouvimos muito o que as pessoas comentam, mas quando não vemos com nossos olhos, não conhecemos com propriedade essas comunidades. Eu tinha uma visão influenciada pela opinião alheia – “eles mal têm o que comer, não têm o que vestir, são drogados; cuidado, pois vão te assaltar”. Mas, se pensarmos e analisarmos a nossa sociedade hoje, vemos que assaltos e drogas há em todo lugar, em todas as classes. É comum no noticiário pessoas de classe média e alta roubando e matando por entorpecentes, entre outras motivações.

Visando, entre outros objetivos, conhecer melhor a comunidade, o projeto “Assessoria e Desenvolvimento do Programa de Atendimento Habitacional Pró-Moradia – PAC²: Eixo de Mobilização e Organização Comunitária” busca fazer um diagnóstico dos bairros, baseado nas falas de quem lá vive o cotidiano. Busca dar voz às pessoas, saber o que elas desejam ao invés de chegar e realizar coisas que talvez não lhes sejam tão necessárias. Deixá-las falarem por si, expor suas insatisfações, suas necessidades, seus desejos. É a isso que me refiro quando falo das lições de diagnóstico que tive no Magistério: só saberemos o que é melhor para a comunidade se a ouvirmos. Isso quebra o preceito de que falo: as comunidades em situação de vulnerabilidade não necessitam somente de soluções rápidas, como um rancho, uma campanha do agasalho. É o bom e velho ensinar a pescar: é só deixar o povo falar que já vamos ver que a comunidade quer saciar outras fomes: de democracia, de autonomia, de independência.

Essas comunidades estão subnutridas de democracia. Querem falar. Precisam falar. Desejam expor seus anseios, suas ideias. E quando encontram um espaço em que lhes é dada a abertura necessária para se expressar, tomam coragem de se expor e de se comprometer.

É possível saciar essa fome com realizações simples. Na verdade, quase todas as reivindicações são direitos fundamentais previstos na Constituição Federal: vida, liberdade, igualdade, segurança, saúde, educação, dignidade da pessoa humana. A dignidade pode ser alcançada realizando o que a comunidade pede: uma nova creche, para que mais mães possam trabalhar e contribuir na renda da sua família; mais rondas da Brigada Militar, para garantir segurança a todos; castração dos animais,

² PAC: Programa de Aceleração do Crescimento.



para resolver o problema dos cães abandonados nas ruas e das doenças que eles transmitem; mais profissionais atuando nas Estratégias de Saúde da Família (ESFs), para que mais pessoas possam ser atendidas; um centro comunitário, para que os moradores possam socializar e as crianças e jovens tenham atividades construtivas para aproveitar seu tempo livre.

É muito interessante, nessas nossas andanças proporcionadas pelo PAC, ver e analisar o que cada bairro pede. As necessidades parecem tão diferentes, mas, no fundo, todos querem o mesmo: buscar qualidade de vida. Lembro de uma senhora que falou: “Não é porque a gente mora aqui no bairro que a gente é marginal. Marginal tem poucos. E tem em todo lugar. Aqui tem muita gente honesta e que trabalha de sol a sol para melhorar de vida. Mas todos gostam daqui. A maioria não trocaria esse lugar por qualquer outro. A gente quer é o nosso bairro melhor pra viver”. Nesses momentos, lembro-me das palavras da professora Giana Sebastiany em mais um encontro do Curso de Formação Continuada em Extensão: é preciso considerar cada um pelo que é e pelo que pode fazer, e não como mais um número em uma estatística.

Quem viveu esses momentos entende que a extensão universitária é colocar o “pé no barro”, trocar experiências com pobres, ricos, brancos, negros, desempregados, trabalhadores, crianças, jovens, idosos, pessoas. Afinal, a Extensão “busca a constituição de uma educação problematizadora, que provoca na população brasileira uma potencialização de sua capacidade de pensar sobre os seus próprios problemas na busca de soluções conjuntas” (MENEZES, 2011, p. 64). E é esse diálogo que devemos continuar buscando, para proporcionar às comunidades o saber da Universidade para além dela, dirigindo um olhar mais humano e ameno sobre essas comunidades. Ajudá-las a saciar sua fome de independência e autonomia. E por que não, saciar a fome da Universidade de aprender também com o que é simples?

A comunidade tem fome de aprender a pescar. Tem fome de ser ouvida. Tem fome de realizar o que sonha. E nós, estudantes, técnicos, docentes da Universidade, aliando o conhecimento adquirido na graduação com a busca pelos novos conhecimentos e a vontade de fazer a diferença, podemos dar novas perspectivas e colaborar com nossas comunidades a saciar as suas fomes. Alimentar e ser alimentado.

Referências

MENEZES, A. L. T. A extensão, a pesquisa e os movimentos comunitários: a construção do conhecimento com os catadores de lixo. In: HILLESHEIM, Betina; GUSTSACK, Felipe; VIEGAS, Moacir Fernando (Orgs.). *Pesquisa, políticas e formação de professores: distintos olhares*. Santa Cruz do Sul: EDUNISC, 2011, p. 58-75.

ONU BR – NAÇÕES UNIDAS NO BRASIL. *O que você precisa saber sobre a fome em 2012*. Disponível em: <<http://www.onu.org.br/o-que-voce-precisa-saber-sobre-a-fome-em-2012>>. Acesso em: 12 jun. 2013.



PET-SAÚDE/VIGILÂNCIA EM SAÚDE: POSSIBILIDADES DE SER, APRENDER E QUERER MAIS... INQUIETAÇÕES QUE IMPULSIONAM MUDANÇAS

Pauline Schwarzbald da Silveira¹
Orientadora: Suzane Beatriz Frantz Krug²

A partir da divulgação de uma proposta até então pouco conhecida na Universidade de Santa Cruz do Sul (Unisc) e no município de Santa Cruz do Sul, surgiram jovens com muita vontade de desvendar um mundo novo. Chamados por informes nos corredores e por anúncios em sala de aula, esses jovens se dispuseram a escrever sobre seus percursos acadêmicos e suas muitas vontades de descobrir – a si, aos outros, ao mundo. E assim se deu o início: papéis e entrevistas com o objetivo de encontrar um grupo multidisciplinar disposto a trabalhar conjuntamente a pluralidade que desvela aos olhos, que confronta, ensina, move, emociona e, por que não dizer, faz tremer?

O Programa de Educação pelo Trabalho para a Saúde – PET-Saúde/Vigilância em Saúde surgiu em nossa história, assim como na de outros colegas, como uma oportunidade. Oportunidade de aprender, compreender, sugerir, discordar e crescer. Propondo mudança no meu ritmo de vida, fez com que me empenhasse num mundo novo, rodeado por pessoas que compartilhavam o mesmo sentimento: novidade. A proposta de aprender fazendo sempre me agradou e, muito mais ainda, na especificidade do projeto na área da saúde do trabalhador, como era meu caso.

Uma das grandes propostas (e também dos grandes resultados) de um projeto de extensão como o PET-Saúde é exatamente este: aprender fazendo, transformando o conhecimento teórico e técnico-científico em humanidade, em humanização, em ser. Para tanto, não importa em qual projeto especificamente o acadêmico, docente, tutor ou preceptor esteja envolvido. Perceber o que há de humano ou desumano nas relações socioculturais que permeiam as questões de saúde-doença acaba acontecendo mesmo sem querer. Parte de nós maravilhou-se por finalmente ver isso, a outra parte escandalizou-se por perceber-se impotente diante de tantas coisas que gostaria de modificar.

¹ Graduada em Psicologia pela Unisc. cursando Residência Integrada em Saúde – ênfase Atenção Básica pela Escola de Saúde Pública/RS. Bolsista do PET Vigilância em Saúde (2010-2012)/Unisc.

² Enfermeira, docente do Departamento de Enfermagem e Odontologia e do Mestrado em Promoção da Saúde da Unisc. Tutora do PET Vigilância em Saúde (2010-2012)/Unisc.



Absurdamente marcante. O PET Vigilância possibilitou novos olhares sobre a mesma situação, questionamentos que antes nem passavam pela cabeça, transitaram livremente entre respostas nem sempre satisfatórias. A alegria e a dor de ser o que se é parece ser visível diante das recorrentes aprendizagens. O fomento da aprendizagem no decorrer das ações em saúde resulta em profissionais mais incomodados com a realidade, que muitos insistem em dizer não ser possível modificar.

Quem participa do PET-Saúde e vive esse projeto intensamente, discorda disso, pois as ações e emoções desejam loucamente que as coisas mudem; afinal, o entusiasmo, as reflexões e as atitudes precisam conquistar um espaço exíguo em termos de promoção, prevenção e educação em saúde na realidade que temos hoje... Já diz o ditado: “Água mole em pedra dura, tanto bate até que fura”. Pois, não é o que aconteceu e tem acontecido?

Percebemos claramente mudanças na conduta de colegas profissionais, acadêmicos e gestores em relação aos temas já trabalhados pelos vários grupos de PET-Saúde: saúde da família, saúde mental, saúde do trabalhador, tuberculose, leptospirose e agora as redes de atenção. Há de se pensar que já se passaram três anos desde o primeiro PET, pouco tempo, mas com ótimos resultados. Trabalho conjunto, feito por muitas mãos e mentes que estão na luta e no desafio de transformar, transformando-se.

Não só a Universidade e o município de Santa Cruz do Sul, mas a região reconhece a importância dos trabalhos desenvolvidos através do PET-Saúde e, por isso, o empenho é grande em manter as ações continuamente. Que bom! Só há benefícios nessa jornada de editais, atividades, relatórios e reuniões. Todos ganham, pois todos aprendem. Quando penso no meu período de bolsista no PET Vigilância/Saúde do Trabalhador, concluo que certamente aprendi muito, muito mais do que apenas frequentar as muitas disciplinas que meu curso de graduação propunha, construí conhecimentos sólidos e amizades duradouras, ampliei minha visão, confirmei o que já achava: trabalhar com pessoas, nas suas comunidades, me faz feliz, me realiza.

O PET-Saúde vem para isso, também. Realizar. Realizar encontros entre a academia e as comunidades, entre o conhecimento técnico-científico e o conhecimento popular, entre o ignorar e o tornar conhecido, entre o conhecimento teórico e a prática. E nesses encontros novos arranjos acontecem – arranjo amigos, arranjo colegas, arranjo mais leituras e arranjo inquietações, pois parece que há um descompasso entre o que aprendo e o que vivo e sigo em busca de mais... mais de tudo o que me mantenha ativa, mais de tudo o que me desacomode, mais de tudo o que me faça seguir aprendendo, mais de tudo o que me faça trabalhar em prol dos outros. Mais...



Que venham mais grupos de PET-Saúde para que outros acadêmicos tenham a oportunidade de se transformarem, de saírem da comodidade que tenta constantemente nos tornar alheios às muitas realidades que nos envolvem. Que venham mais PET-Saúde para que outras áreas da saúde pública/saúde coletiva sejam contempladas e , com isso, serviços de saúde continuem a ser qualificados através da inserção desses bolsistas questionadores e inquietos, propondo uma forma atual e moderna de educação em serviço para esses trabalhadores.



AVÓS DE CORAÇÃO

Rafaela Cristina Richter Schneider¹

“Alô, amigos ouvintes! Está iniciando o programa Terceira Idade Atual”. Ouço estas duas frases todas as terças-feiras quando ocorre a gravação do programa de rádio Terceira Idade Atual feito por idosos que participam do projeto Avós na Comunicação. Desde 2009, os Aprendizes do Tempo, como se denominam estes senhores da melhor idade, reservam uma tarde a cada semana para fazer programas radiofônicos. Uma paixão, eu diria, que já dura cinco anos e que, se depender deles, durará por muito mais tempo.

Minha participação no projeto iniciou em 2011, quando aos 18 anos ingressei na Unisc como estudante de Jornalismo. Como todo calouro, eu estava ávida por novas experiências. Fui convidada, logo na segunda semana de aula, a participar dos Avós na Comunicação. Pensei, “cá com os meus botões”, que esta era uma oportunidade única, de fazer parte de algo que eu nunca imaginei possível, um grupo de idosos trabalhando com estudantes de graduação.

Não sou tímida, quem me conhece sabe, mas no primeiro dia em que conheci os idosos participantes do projeto, confesso, fiquei um pouco apreensiva. Refleti, será que vou conseguir trabalhar com pessoas da terceira idade? Será que eles vão gostar do meu trabalho? Será que vou corresponder às expectativas de ser voluntária? Será que a professora coordenadora me acha competente? Será? Será? E para a minha surpresa, tudo ocorreu melhor do que o esperado.

Depois de duas semanas de trabalho, os avós, como eu os chamo, já sabiam o meu nome, e eu os deles. Com tão pouco tempo de convivência, parecia que eu já conhecia aqueles senhores há muitos anos. Eles me contavam histórias de sua infância, do tempo em que Santa Cruz do Sul ainda tinha mais árvores, flores e mata silvestre do que asfalto, carros e poluição. Eu contava para eles como havia sido difícil o meu ensino médio. E, quando percebíamos, a tarde já estava acabando e já era hora de ir embora.

Naquele ano de 2011, eu e mais três colegas de Jornalismo fazíamos parte deste grupo, que incluía três idosos e dois professores. Todos trabalhavam para que o *Calhambeque Musical*, programa gravado naquele tempo, ficasse bom. Minhas amigas

¹ Estudante do 4º semestre do curso de Comunicação Social/Relações Públicas da Unisc. Atua como bolsista do PAPERDS no projeto de extensão “Avós na Comunicação”.



e eu escrevíamos o roteiro, escolhíamos o que os idosos iriam falar, selecionávamos músicas. Tarefa difícil para acadêmicas de no máximo 18 anos decidirem as falas de senhores com mais de 60. Os dois professores estavam sempre de olho no nosso trabalho, auxiliando quando tínhamos dúvidas. O idoso ‘mais novo’ era técnico, mexia nos botões da mesa de som da rádio. Ele era responsável por colocar músicas, aumentar e diminuir o volume das falas. E os moços da terceira idade iam lá, falavam no microfone, contavam causos, discutiam sobre assuntos importantes. Assim eram as gravações.

Em 2012, um emprego me afastou dos Avós na Comunicação. Mas não por muito tempo. Era abril quando cheguei para a professora e pedi para voltar, pois já considerava aquelas pessoas como minha segunda família. A alegria era tamanha que continuei a ser voluntária do projeto. Naquele ano, porém, quem escrevia os roteiros da rádio era um dos idosos, e o programa gravado era o *Terceira Idade Atual*. No final do ano, conseguimos fazer com que o programa Terceira Idade Atual fosse transmitido pela Rádio Comunitária de Santa Cruz do Sul. A partir daquele momento, os idosos se sentiram mais valorizados, pois finalmente puderam ouvir seus programas em uma rádio.

O ano de 2013 iniciou muito bem para mim e para os idosos do projeto. Eu me tornei bolsista e hoje auxilio em todas as ações. Os três idosos, que iniciaram lá em 2009, ouvem todos os sábados os seus programas na Rádio Comunitária. Uma oficina de rádio iniciou em maio e vai trazer para o grupo mais cinco idosos que vão aumentar ainda mais a família.

Hoje, falar deste projeto é emocionante e gratificante. Emocionante porque considero estes senhores como meus avós realmente. Gratificante porque a cada terça-feira vejo os moços da terceira idade chegarem à universidade com um sorriso no rosto e uma nova história para contar. Aprendi com os Avós na Comunicação a ter paciência, a aceitar as diferenças, a valorizar as qualidades e a compreender as peculiaridades das pessoas. Pude perceber que os idosos têm muito para ensinar e ainda têm, sim, o que aprender. Eles querem aprender!

Contudo o mais importante, o que me faz ser uma pessoa melhor, hoje, é que com o projeto aprendi a dar mais valor às pessoas próximas de mim, mas que eu não notava o quão importantes são: as minhas avós. Não que antes eu não prestasse atenção, pelo contrário, sempre fui uma neta amorosa e carinhosa. Mas depois que os meus avós faleceram era difícil me aproximar. Elas choravam, e eu não sabia o que fazer. Mas agora, depois de três anos trabalhando com os Avós na Comunicação, entendi por que elas amam me empanturrar de comida, por que se preocupam tanto com o fato de eu estar “magrinha”, por que elas falam tanto de doenças, por que elas querem sempre elogios. Elas são pessoas, querem ser amadas, querem atenção, querem passar todos os momentos possíveis com seus filhos e seus netos, que são as pessoas que elas amam.



Tornar a vida das minhas avós de sangue e dos meus avós de coração melhor e mais feliz é a minha tarefa. Mostrar a estes idosos que a vida é bonita e que eles têm, sim, tempo para diversão, trabalhar, viajar, conhecer, é minha satisfação. Levo cada um deles em meu coração, pois com meus avós aprendi a caminhar, a falar, a brincar, a escrever, e com os meus avós de acolhida aprendi a aceitar as diferenças e ver o melhor de cada pessoa.



PROJETO DE EXTENSÃO CORRENTE DO BEM RIO PARDO 2008-2013

Roque Wagner¹

“Não coloques tua luz embaixo da mesa, pois pouco resultado alcançarás, mas sim posiciona-a sobre a mesa, donde poderá iluminar toda a sala.” (Jesus Cristo)

Talvez o leitor atento associe as palavras acima, embora não transcritas ao pé da letra, a uma das lições de um grande mestre de nossa história. Assim também é com nossos ideais, nossa vontade de melhorar o mundo, nossos sonhos de igualdade, justiça, fraternidade... caso os guardemos somente para nós, quase em segredo, pouco resultado alcançarão. Mas, se os temos conosco sempre, em nossas palavras, atitudes, pensamentos, sentimentos, dividindo-os com todos, então poderão encontrar outras pessoas com semelhantes prioridades, e abrir-se-á um grande e poderoso portal, pelo qual ingressará uma terceira Força, que é a Vontade do Universo, sempre pronta a apoiar ações que visem tornar o mundo melhor e mais justo para todos.

Em um momento de troca de ideias e sentimentos assim, entre nós e a Promotora de Justiça de Rio Pardo, no ano de 2007, foi plantada a semente que, já no ano seguinte, transformou-se no projeto *Corrente do Bem Rio Pardo*, em parceria da Unisc com o Ministério Público do Rio Grande do Sul, através da Promotoria de Justiça de Rio Pardo.

O projeto visa à assistência, ao amparo, à proteção de crianças e adolescentes em situação de risco social na cidade de Rio Pardo, através de ações que fortaleçam suas boas inclinações e princípios, oferecendo-lhes cuidados constantes. Esses cuidados são concretizados basicamente de duas formas: primeiramente as crianças recebem cuidados odontológicos, principalmente ortodônticos, que visam elevar-lhes a autoestima, a autoconfiança, devolvendo-lhes saúde oral e uma estética facial harmônica, eliminando assim mais um fator de discriminação que sofrem. A outra maneira pela qual oferecemos os cuidados, agora às crianças e seus familiares, é possível principalmente devido à característica do tratamento ortodôntico em crianças se estender por um longo tempo, de dois a cinco anos aproximadamente. Durante esse período, as crianças e seus acompanhantes da família comparecem para serem

¹ Especialista e doutor em Odontologia pela Universidade Albert Ludwig (Freiburg, Alemanha). Atua como docente no Curso de Odontologia da Unisc.



atendidos com regularidade. Nestes momentos, a equipe composta pelo professor orientador e três acadêmicos bolsistas, além de prestar o atendimento ortodôntico previsto, posiciona-se frente à criança e seus familiares como um grupo de amigos, pessoas em quem podem confiar e que estão prontas a ajudá-los e apoiá-los. Muitas destas crianças têm uma situação familiar difícil, de muitas carências. Suas potenciais boas inclinações não são estimuladas a se desenvolverem, pelo contrário, muitas vezes sofrem maus-tratos, descasos e maus exemplos no próprio lar. O simples fato de estarem sendo atendidas e tratadas no projeto de forma respeitosa, amiga, com igualdade, por uma equipe da saúde que costumam respeitar, eleva-lhes a autoestima, abre horizontes internos nestes seres. Nesses momentos, conscientemente ou não, devem questionar-se:

“Poxa, se estes, que são “doutores”, gostam de mim, me veem como amigo, me respeitam e querem meu bem, então aqueles outros, que me maltratam, menosprezam e insultam é que devem estar errados, eles é que não sabem, mas eu tenho valor, tenho potencial e posso tornar-me uma pessoa bem sucedida, feliz e do bem.”

Com esta convicção, o projeto tornou-se referência na cidade de Rio Pardo, amplamente reconhecido pelos benefícios que tem trazido à comunidade. Com as palavras de um dos parceiros do projeto, o mesmo “é um auxílio importante para levar outros projetos e ações da comunidade adiante, pois as atitudes de perseverança, confiabilidade, idealismo que o caracterizaram nestes cinco anos servem de exemplo e incentivo aos cidadãos, fazendo-os verem que é possível sim fazer-se algo para mudar uma realidade que já não serve mais e não é mais desejada”.

A Escola Estadual Pedro Alexandrino de Borba, donde provém a grande maioria das crianças beneficiadas pelo projeto, relata, através de sua diretoria, o inconfundível benefício para seus alunos, perceptível em suas atitudes na escola. Além disso, relatamos, em reuniões que a equipe do projeto tem com a mesma e alguns professores, que mesmo eles, professores e diretoria, sentem-se apoiados e motivados, já que a situação que enfrentam dia a dia na escola é bem difícil, levando-os muitas vezes ao desânimo e esgotamento. Salientamos que esta escola foi escolhida pela promotoria pública para ser a maior beneficiada, justamente pelas dificuldades que enfrenta com alunos e algumas famílias.

A partir de agosto de 2010, as atividades do projeto passaram a beneficiar também as crianças abrigadas na Copame, de Santa Cruz do Sul, através de interface com o grande e admirável “Projeto Copame” da Unisc, iniciativa da Pró-Reitoria de Extensão e Relações Comunitárias. Estas crianças são ainda mais carentes de afeto, segurança, amor, enfim, de pessoas que as acolham, protejam, a elas se dediquem com um grande sentimento de querer bem, já que são separadas de suas famílias judicialmente, por motivos de segurança para as mesmas. As características do projeto *Corrente do Bem Rio Pardo* são de grande benefício para essas crianças.



Durante os mais de cinco anos em que acontece o projeto, muitos acadêmicos puderam ser preparados para agirem mais intensamente como elementos transformadores da sociedade, disseminadores da fraternidade e da justiça social. Todos nós, da equipe, fomos muitas vezes premiados com a grande alegria de vermos crianças desabrocharem na vida qual magnífica flor, após serem transformadas pelas ações do projeto; o olhar triste e sem esperanças transformado em facho luminoso de alegria e brilhos... sorrisos e brincadeiras saindo de bocas que antes quase não se abriam. Nós tivemos este privilégio, mas quanto mais nos alegraríamos se nossas instituições, todas elas de preferência, mas principalmente as financiadas com os impostos de seus cidadãos, se assemelhassem à nossa Universidade, que apoia e patrocina tais projetos. Este tempo há de chegar em breve, e aqueles que nisso não acreditarem, não fizerem sua parte, terão ficado à margem de si mesmos, à margem dos novos tempos.



SORRISO ESPECIAL

*Simone Isabel Emmel¹
Sabrina Seidenfus da Silva²*

Num mundo com tanta vaidade e hipocrisia, ainda existe um canto cheio de amor, ternura e generosidade. Na vida, tudo que você tiver vontade de aprender, você aprenderá, e se fizer com amor, se superará.

A vontade de ajudar, dar carinho e atenção às necessidades de um ser nos torna seres cada vez melhores, e é isso que o projeto “Sorriso especial” impacta em nossas vidas. Passam vidas inesquecíveis, cada uma com sua lição, com seu amor, com sua compreensão, mas com suas histórias únicas e incomparáveis.

Um exemplo de tantos anjos é o de Joana, paciente que vem de Barros Cassal para ser atendida no projeto, uma menina que nos conquistou com seu jeito de ser, utilizando linguagem coloquial como:

-E aí, galera? Tudo legal?

-Prazer em conhecê-los!

Durante o procedimento, ela nos olhou e disse sentir orgulho de nós. Ficamos sem palavras. Era a primeira vez que estávamos tendo contato com Joana, nunca a tínhamos visto antes.

-Você tem uma filha, né? – disse-me Joana.

-Sim, eu tenho uma filha.

-Que fofa! – continuou ela.

Parecia que Joana a estava vendo, foi muito comovente, ficamos impressionadas. Uma criança muito mais que especial, uma criança amável, alegre, inteligente, um anjo de Deus.

Isso é o que nos move, a sensibilidade, a humanização, a vontade de querer o bem e ajudar o próximo, esses pacientes do projeto “Sorriso especial” transmitem algo inexplicável e imensurável, algo que nos faz nos sentirmos seres capazes de se superar assim como eles. Pessoas as quais possuem certas limitações, umas mais,

¹ Estudante do 10º semestre do Curso de Odontologia da Unisc. Atua como voluntária pelo PROVEX no projeto “Sorriso Especial: atendimento odontológico a pessoas com necessidades especiais”.

² Estudante do 10º semestre do Curso de Odontologia da Unisc. Atuou como voluntária pelo PROVEX no projeto “Sorriso Especial: atendimento odontológico a pessoas com necessidades especiais”.



outras menos, mas que nos mostram o quanto é possível o que parecia ser talvez impossível.

E é para isso que estamos colaborando com o projeto, proporcionando a esses pacientes saúde bucal de uma forma amorosa e contínua.



O CONQUISTADOR

Shirin Dauli Baja¹

Em uma manhã de sexta-feira...

Um olhar tímido, um tanto cabisbaixo, um leve sorriso, ele chega. Meu primeiro atendimento odontológico em ditas “crianças especiais”. Especiais por quê? Para quem? Depende de como e de quem fala essa expressão. A meu ver, nada além de rótulos, de titulações, de pré-conceitos, uma forma ambígua de discriminar.

O preconceito é resultado das frustrações das pessoas. De certa forma, o ponto de partida do preconceito é uma generalização superficial, um estereótipo. Pois bem, de acordo com o dicionário, o termo especial indica: “adjetivo peculiar a uma pessoa ou coisa; fora do comum, excelente, notável”.

Na realidade, muitas vezes são excluídos, rejeitados, humilhados, abandonados: pela família, pela sociedade (hipócrita e preconceituosa), pelos governantes, e não raramente pelo sistema de saúde.

E em certo momento da vida acadêmica, você pensa: por que estou aqui? Qual de fato é minha missão? Existe uma missão? Eis que a resposta me vem em alto e bom tom mental: descobrir, descobrir o que de fato me falta, preencher a minha ansiedade de querer mais, de poder me sentir uma “heroína”, tipo de desenho animado, sabe...

Pois, é exatamente assim que ele me enxerga! Não sei bem o porquê, já que entre adultos e crianças não são poucos os que têm o “trauma de dentista”, daquele “barulhinho” e de toda a invasão de privacidade que o paciente sente, numa das partes mais íntimas do corpo humano, a boca. Nossas consultas não são meras consultas. São encontros marcados, e não por mim, nem pelo Dudu. Encontros marcados por “alguém” maior, encontros marcados pela vida.

Seria muita tolice da minha parte pensar que Ele não tem a mão nisso tudo. Sempre tive a sorte de ter pacientes que, de alguma forma, me marcaram, seja pelo próprio caso clínico, pela facilidade ou dificuldade no atendimento, seja simplesmente pelo carinho.

E com o Dudu não é diferente. Aliás, é sim. É especial.

O menino tímido e cabisbaixo, ao fim da consulta, já era um falante, um conquistador dos olhinhos brilhantes, que falam mais do que suas limitações motoras

¹ Estudante do Curso de Odontologia da Unisc. Atua como bolsista do PAPEDS no projeto de extensão “Sorriso Especial: atendimento odontológico a pacientes com necessidades especiais”.



demonstram. Falam com alma, com o sorriso de quem me aprovou. Pacientes como o Dudu eu não escolho, tenho a honra de ser escolhida!



O ESMALTE VERMELHO DA KAREN*

Sônia Renner Hermes¹

Se não fosse o “Projeto Sorriso Especial”, eu não teria conhecido a Karen.

Quando penso neste projeto, que estou tendo a oportunidade de coordenar e participar juntamente com meu colega Jorge, tenho consciência que talvez não tivesse tido o prazer de conhecer muito dos pacientes especiais que foram atendidos pelos nossos alunos bolsistas e voluntários. Também não teria conhecido as qualidades desses nossos queridos acadêmicos colaboradores: empenho, determinação, amor e sensibilidade.

Poderia relatar muitas histórias, pois todas elas são lições de vida, mas escolhi a da Karen. Ela chegou, aos gritos e lágrimas, carregada nos braços de sua mãe. Foi conduzida ao box para o atendimento. Que atendimento? Ela não parava de chorar. Quanto mais a gente tentava se comunicar, mais ela chorava. Examinamos, como foi possível, e vimos que ela tinha muitas necessidades. Gengivite, cáries com atividade, muito medo. Comecei pegando a mão da Karen, pois nem sabia por onde começar, e ela gritando. A mãe tentava, sem sucesso, pedir que ela se acalmasse. Observei aquela menina, sem saber como ajudar, mas segurando sua mão entre as minhas. De repente, vi que ela estava com as unhas compridas, pintadas de roxo. Impecavelmente pintadas pela mãe. Eu disse a ela que estavam muito bonitas e que eu poderia dar um esmalte para ela, mas precisava saber qual era a cor de sua preferência. Como por encanto ela parou de chorar, disse uma palavra que eu não entendi. Olhei para sua mãe e perguntei o que ela havia dito. A mãe respondeu: “Inter”. Num rápido movimento, ela levou minha mão à sua boca. Neste momento, eu fechei os olhos porque ela já havia me mordido anteriormente, mas para minha surpresa ela me beijou! Sim, e eu me apaixonei por ela. E agora sei que ela gosta de vermelho!

Ao ver a reação desta menina, senti uma emoção que, mesmo que eu tentasse, não conseguiria descrever. Por isso eles são especiais. Cada vez tenho mais convicção que aprendo muito mais com eles do que posso ensinar. Isso é muito gratificante como educadora.

¹ Docente do Curso de Odontologia da Unisc. Coordena, juntamente com o professor Jorge Ricardo Schmidt Maas, o projeto de extensão “Sorriso Especial: atendimento odontológico a pacientes com necessidades especiais”.

* Nome fictício. O nome verdadeiro foi substituído para preservar a identidade da pessoa atendida.



Sobre o projeto, digo que cada dia é um aprendizado. Cada paciente tem uma necessidade diferente, o que nos faz buscar soluções adequadas para os tratamentos planejados.

O manejo dos pacientes especiais é bastante difícil, sendo o foco do projeto a prevenção. Esta proposta de prevenção é realizada através da conscientização dos cuidadores e dos pacientes especiais sobre a importância dos hábitos de alimentação e de higiene.

Neste segundo ano de desenvolvimento do nosso projeto, colhemos muitos frutos. A busca do conhecimento, da técnica, o manejo orientado, a atuação incansável dos alunos participantes, nada disso seria possível sem ouvir a voz que vem do coração. Obrigada por esta oportunidade!



DE 1995 A 2013: METADE DA VIDA SENDO EXTENSIONISTA

Verushka Goldschmidt Xavier¹

Aos 17 anos, adolescente e com muitas expectativas, mas sem experiência alguma de vida, ingressei no curso de Ciências Biológicas/Ecologia (Bacharelado) da Unisc e no mesmo ano iniciei atividades no Centro de Ciências da Unisc (CECIUNISC). Na época, metade dos anos 90, não existia a palavra bolsista. Éramos monitores. Um grupo de mais de 20 acadêmicos, de várias formações (biologia, matemática, física, química e inclusive engenharia de produção), trabalhando juntos nesse projeto.

O objetivo era transformar materiais utilizados no dia a dia (garrafas pet, caixas de papel, tampas de refrigerante, cartolinas...) em materiais ludopedagógicos, de forma alternativa e com muita criatividade para o ensino de ciências e matemática, principalmente para alunos do ensino de educação básica. Sendo assim, vários monitores se deslocavam da antiga Unisc centro, que funcionava na rua Oscar Jost, para as escolas que participavam do projeto e lá construíam, em conjunto com os alunos, o conhecimento. Viagens de ônibus urbano permitiram a esta rio-pardense, que veio residir em Santa Cruz do Sul no ano anterior ao ingresso na universidade, conhecer a realidade dos bairros, das escolas e conviver com muitas pessoas com as quais, provavelmente, não conviveria se não pertencesse a esse projeto de extensão.

O convívio multidisciplinar, com os monitores-colegas de várias formações e com pessoas de diferentes classes sociais e culturais que participavam do projeto nas escolas de bairros santa-cruzenses, permitiu o crescimento e a construção de um sujeito melhor, no caso desta acadêmica de biologia. Saiu-se da “caixa”, visualizou-se mais que a formação acadêmica dentro das salas de uma universidade, conheceu-se a realidade, por vezes bonita e emocionante, por vezes dura e amarga através dos relatos das crianças e adolescentes que desabafavam com o monitor, que era a pessoa que lhes dava atenção.

Recordo o dia em que um grupo de monitores realizaria uma palestra em Passo do Sobrado. Celular, em 1995, eram poucos que dispunham, portanto tudo era combinado previamente e caso houvesse algum desencontro a pessoa teria de partir para um plano B, uma alternativa. No dia combinado, uma Kombi, que alunos de hoje em dia nem sabem mais o que é e não vivem a emoção de passear num veículo desses, viria nos buscar. Só sabíamos que era uma Kombi, não nos foi mencionado

¹ Bacharel em Ciências Biológicas/Ecologia pela Unisc, especialista em Tecnologia de Alimentos pela Universidade Federal do Pará - UFPA (PA) e cursando graduação em Administração pela Unisc. Atua como secretária executiva no Comitê Pardo.



nome do motorista, placa de carro e outros dados. Apenas uma Kombi. Supomos ser a Kombi que tinha o desenho de lápis, que era logomarca da secretaria estadual de educação do governo da época. Ao visualizarmos o veículo com essas características estacionando próximo a nós, as três meninas, inclusive eu, abrimos a porta e fomos entrando, sem ao menos perguntar ao motorista se era para a atividade de Passo do Sobrado. No final, muitas risadas e tudo certo. Cumprimos nosso papel.

Trabalhar no CECIUNISC nos proporcionou experiência na escrita de projetos de ciências, o que utilizo até hoje. Participávamos das feiras de ciências, tanto auxiliando os jovens a colocar no papel o projeto, quanto na avaliação dos mesmos em feiras municipais e estaduais. Houve uma situação em que participamos como avaliadores em Feira Nacional de Ciências, no Mato Grosso. Saudades dessa época!

Essas feiras promoviam interação e integração da Universidade com as escolas, com as pessoas e incentivavam o gosto pela ciência e tecnologia. Muitos participantes das feiras acabaram por serem alunos da Unisc nos cursos de biologia, matemática, química, física, engenharias... Aliás, onde estão as feiras de ciências?

Feita essa pergunta, cabe voltar ao tema original, a experiência na extensão através da participação de projetos. Participei então durante 3 anos desse projeto, que muito modificou a minha vida, pois aprendi a fazer planejamento, definir metas e objetivos, executar a atividade e fazer uma avaliação final sobre a aplicação do mesmo.

Após muitos anos longe da Universidade, retornei à Unisc como funcionária de setor administrativo e agora como secretária executiva do Comitê Pardo, que também está vinculado à PROEXT. Nessa função, pude novamente conviver com diversas realidades, pois os outros 24 comitês do estado têm sistemáticas diferentes da nossa. A experiência no CECIUNISC, vivida na primeira graduação, trouxe-me muita destreza no trabalho atual, pois em diversas ocasiões tem-se de realizar atividades com recursos financeiros limitadíssimos, mas que necessitam ser feitas. Então, o exercício de criatividade iniciado nos anos 90, que me acompanha até o momento, foi e é muito útil à realização das minhas atividades no Comitê Pardo. Se não tivesse sido monitora de extensão na época, talvez hoje não saberia lidar em muitas situações, onde a criatividade é imperiosa.

Como exemplo dessa interação CECIUNISC e Comitê Pardo, posso citar, com muita felicidade, uma experiência que ocorreu nesse ano de 2013. No dia 22 de março, dia mundial da água, o Comitê Pardo e o Programa Unisc Escola desenvolveram em conjunto uma programação direcionada aos alunos do ensino médio de Rio Pardo, Monte Alverne e Santa Cruz do Sul, envolvendo 180 participantes, além de inserir os alunos PIBID (Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência) em atividades que trataram sobre o tema água. Por que anteriormente mencionei felicidade? Porque a coordenadora do programa Unisc Escola foi minha coordenadora no primeiro projeto



de Extensão de que participei na Universidade. Após tantos anos, a experiência de ter aprendido com ela me faz colocar isso em prática, não na condição de monitora iniciante no assunto, mas agora como integrante da atividade e podendo exercer todo o meu potencial que foi desenvolvido a partir da oportunidade que essa professora me proporcionou em 1995 ao me escolher numa seleção de monitores para fazer parte de um projeto de extensão.



